



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**UM AMIGO SÓ MEU – BASES E CONSEQUÊNCIAS DA
CRIAÇÃO DE UM AMIGO IMAGINÁRIO NA INFÂNCIA**

Cláudia Sofia Garoto Fernandes

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À Professora Ângela Vila-Real agradeço ter-me permitido desenvolver este tema, a disponibilidade e o apoio demonstrados ao longo de todo o desenvolvimento do projeto e principalmente o encorajamento quando as coisas não corriam conforme planeado.

Às participantes deste estudo agradeço a disponibilidade para partilharem comigo memórias e sentimentos de uma experiência tão pessoal.

Aos meus pais por acreditarem sempre que era capaz e à minha irmã por toda a força.

À Ana, por todo o apoio e amizade, não só durante esta etapa mas em cada dia destes quase seis anos.

Às minhas meninas pelo carinho que me dá força.

A todos os que iam perguntando por progressos e àqueles que diziam que não era desta e assim me ajudaram a continuar em frente.

Resumo

Mesmo sendo alvo de grande interesse já há algum tempo, o estudo dos amigos imaginários, poucas conclusões tem permitido. É consensual, no entanto, que o amigo imaginário surge aquando de um forte investimento, comumente, por parte de crianças entre os 3 e os 6 anos, num objeto/pessoa/animal cuja importância nas suas vidas pouco foi explorada. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo explorar a relação da criança com o amigo imaginário e o seu respetivo impacto no futuro, através de recordações de cinco mulheres, entre os 18 e os 26 anos, recolhidas por meio de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados obtidos permitiram compreender a influência do contexto em que a criança se insere ao criar um amigo imaginário e de que modo o desenvolvimento está relacionado com esta relação. Concluindo, foi possível compreender que os sentimentos de solidão na criança são comuns à origem desta forte ligação ao amigo imaginário, moldando-o conforme as suas necessidades, mas também acabando por ser moldada por este, tanto como seria no caso de um amigo real.

Palavras-chave: Amigo imaginário, solidão, desenvolvimento do eu, imaginação, função anaclítica.

Abstract

Even as a target of major interest for some time now, imaginary friends' study had few conclusions. It is consensual, however, that the imaginary friend is the result of a strong investment, commonly, from children between 3 and 7 years old, in an object/person/animal whose importance in their lives has been little explored. Thereby, this study aims to explore the child's relationship with the imaginary friend and his impact in their future, through memories of five women between 18 and 26 years, collected by semi-structured interviews. Results allowed us to understand the influence of context in which the child is inserted when creating an imaginary friend and how the development is related to this relationship. Concluding, it was possible to understand that feelings of loneliness from the child are common to the origin of this strong bond to the imaginary friend, shaping him through their needs, but also being shaped by him, as much as it happens with a real friend.

Key-words: Imaginary friend, loneliness, self-development, imagination, anaclitic function

ÍNDICE

Introdução	1
O Amigo Imaginário	1
A Criança Criadora	6
Método	9
Objetivos	9
Delineamento	9
Amostra	9
Instrumento	9
Procedimento	11
Apresentação e Análise dos Dados	15
Cristiana	12
Joana	13
Raquel	14
Eunice	17
Fábia	19
Sofia	19
Discussão	21
O Amigo Imaginário	21
A Criança Criadora	26
Contexto Familiar	28
Conclusões	30
Limitações e Estudos Futuros	31
Referências	32
Anexo A: Guião da Entrevista	34
Anexo B: Entrevistas	36
Cristiana	37
Joana	41
Raquel.....	48
Eunice	56

Fábia	63
Sofia	66
Anexo C: Análise Caso a Caso	70

Introdução

Os primeiros estudos empíricos sobre amigos imaginários surgem no final do século XIX, com Votrovsky (1895, cit por Klausen & Passman, 2007). Este recolhe diversos relatos e identifica as características comuns destes amigos imaginários, percebendo já nesta altura que não se tratava de um fenómeno isolado ou diminuto na infância, e que apesar da diversidade de informações existiam pontos comuns entre os vários casos. O culminar da investigação realizada neste tema deu-se com Taylor e o lançamento do seu livro *Imaginary Companions and the Children who Creat Them* em 1999, considerado até hoje um dos principais guias sobre o tema (Klausen & Passman, 2007).

Apesar de ser um tema que não tem sido alvo de grandes considerações por parte de pais, médicos ou psicólogos, sabe-se que a sua incidência não é tão baixa como se pensa. Num estudo realizado com 1759 crianças entre os 5 e os 12 anos foi possível perceber que 46,2% destas crianças referiam amigos imaginários, sendo que 502 crianças os tinham no momento da entrevista (Pearson et al, 2001).

É importante então perceber o que poderá estar na origem deste fenómeno e que impacto têm estas relações nas crianças que fazem parte delas, a fim de melhor compreender estas crianças e as suas necessidades.

O Amigo Imaginário

Svendsen (1934, cit por Nagera, 1969) afirma que a definição de amigo imaginário implica uma personagem invisível, nomeada e referida pela criança em conversa com outras pessoas ou com quem a criança brinca diretamente por um período de tempo de pelo menos vários meses, tendo esta personagem um ar de realidade para a criança mas não uma base objetiva. Exclui-se assim, segundo o autor, o brincar imaginativo em que um objeto é personificado ou em que a própria criança assume o papel de alguma pessoa no seu ambiente (Taylor et al, 1993; Pearson et al, 2001; Klausen & Passman, 2007; Majors, 2013). Harvey (1918 cit por Nagera, 1969) diz ainda que o amigo imaginário é uma ideia visual e auditiva que se torna tão vívida e real que a criança chega a vê-lo ou ouvi-lo, nunca deixando no entanto de reconhecer o seu carácter imaginário, tal como referido anteriormente.

Por ser um fenómeno com tamanho investimento por parte da criança e com a vividez referida é frequente os pais ficarem assustados quando os seus filhos referem um amigo imaginário ou o inserem nas conversas ou nas rotinas diárias (Sperling, 1954). A atitude dos pais em relação aos amigos imaginários encontra-se, segundo Taylor (1999), muito dependente da cultura e do ambiente em que a família se insere. Alguns pais alinham nas fantasias dos filhos, aceitando e integrando o amigo imaginário nas suas vidas e nas suas rotinas (reservando lugar à mesa ou no carro, perguntando pelo amigo imaginário ou tentando mesmo interagir com ele) ou oferecendo à criança objetos diversos alusivos ao amigo imaginário (principalmente no caso de animais, oferecem peluches ou decorações com o animal em causa). Outros pais temem que o amigo imaginário reflita uma confusão entre a realidade e a fantasia, que seja uma alucinação, que evidencie perturbações mentais ou que se encontre na linha da mentira ou da comunicação com espíritos, desmotivando a sua existência no discurso da criança, evitando falar sobre o assunto ou chegando mesmo a repreender ou punir a criança quando esta fala no amigo imaginário (Taylor et al, 1993).

Por não haver sempre uma aderência dos pais à existência de um amigo imaginário no mundo da criança estes nem sempre são fontes fiáveis de informação. Os pais podem conhecer apenas o nome do amigo imaginário ou não chegar a saber da sua existência na vida dos filhos se estes forem capazes de antecipar a má reação dos pais. Este secretismo torna-se mais frequente com o avançar da idade da criança pois esta começa a interiorizar os estereótipos sociais e a antecipar uma má reação não só por parte dos pais mas também por parte dos pares (Sperling, 1954; Taylor et al, 1993; Taylor & Mannering, 2006, Ferreira, 2008 e Majors, 2013).

Os amigos imaginários têm frequentemente uma base na vida real da criança, podendo ser versões de pessoas presentes na vida da criança, ou que esta perdeu recentemente, animais que a criança conhece ou que deseja mas não pode ter, ou personagens de um livro, de um filme ou de um programa de televisão (Taylor, 1999; Ferreira, 2008 e Majors, 2013). No que refere às características dos amigos imaginários sabe-se que estes podem, tal como os amigos reais, surgir em diversas alturas da vida da criança, motivados por diversas situações, sendo de todas as idades e géneros e apresentar distintas e estranhas características físicas, podendo ser humanos, animais ou criaturas míticas.

Os amigos imaginários podem ser completamente invisíveis, ou ter uma base física como um peluche, um boneco, um objeto do dia-a-dia da criança, um galho, uma folha ou mesmo uma parte do corpo da criança ou a sua imagem no espelho, não sendo no entanto consensual onde se separa os amigos imaginários das personagens interpretadas pela criança -

que não serão contempladas no presente estudo (Taylor, 1999; Taylor & Mannering, 2006 e Taylor & Mottweiler, 2008).

Em relação ao sexo dos amigos imaginários as informações são, mais uma vez, algo contraditórias. Nagera (1969) afirma que as crianças tendem a criar amigos imaginários do seu próprio sexo mas Jersild et al. (1933, cit por Nagera, 1969) e Hoff (2005) afirmam que as raparigas tendem a criar amigos imaginários do sexo masculino.

Já em relação às idades dos amigos imaginários, diversos autores concluem que estes podem surgir em diversas faixas etárias, sendo mais comum que sejam da idade da criança e menos frequente que sejam mais velhos (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor & Mannering, 2006 e Taylor & Mottweiler, 2008).

Por fim, no que refere ao aspeto físico que a criança descreve o amigo imaginário pode ser uma personagem de uma história ou de um programa de televisão, uma fada, um elfo, um animal, um anjo ou um fantasma. Pode ser uma pessoa com um aspeto comum ou ter características físicas peculiares como o tamanho (tão pequeno como um dedal ou tão grande como um gigante), a cor da pele, do cabelo ou o número de olhos, sendo também frequente que, no caso de animais ou criaturas míticas principalmente, tenha também características especiais como poder voar, ter poderes mágicos, mudar de forma ou poder falar (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor, 1999 e Taylor & Mottweiler, 2008). Taylor e Mannering (2006) realizaram um estudo onde recolheram 592 descrições de amigos imaginários, das quais 60% eram referentes a amigos invisíveis. Destes 60%, cerca de 34% eram rapazes ou raparigas normais, 16% possuíam características mágicas ou especiais (como voar, mudar de forma ou ter poderes mágicos) ou características físicas distintas (como ter a pele azul, ou serem muito pequeninos), 15% eram animais, geralmente com a capacidade de comunicar de algum modo com a criança e dos quais cerca de metade tinham ainda características mágicas ou especiais e 8% eram anjos, super-heróis, fantasmas ou espíritos.

Mesmo quando os amigos imaginários são invisíveis as crianças não apresentam, segundo Taylor e Mottweiler (2008), qualquer dificuldade em os descrever, tanto fisicamente como em termos da personalidade, sendo que esta última nem sempre agrada à criança.

É certo que o amigo imaginário frequentemente está associado a sentimentos positivos e a uma posição de apoio em relação à criança, no entanto vários autores referem que os amigos imaginários nem sempre são realmente amigos da criança, podendo ter um temperamento próprio e vontades contrárias às da criança (não aparecerem, serem desobedientes ou maus e assustadores para a criança). Todas estas situações podem servir para aumentar o interesse da criança pelo amigo imaginário ou, por outro lado para a ajudar a lidar com situações do seu dia-

a-dia, como será explorado adiante (Taylor et al, 1993, Taylor & Mannering, 2006; Taylor & Mottweiler, 2008; Majors, 2013). Nagera (1969) diz-nos ainda que, apesar da maioria dos amigos imaginários serem crianças estas podem apresentar características tipicamente associadas aos adultos como a força, o poder, a autoridade e o conhecimento.

As crianças podem criar vários amigos imaginários ao longo da sua vida. Podem ter um de cada vez, vários ao mesmo tempo, ou apenas um que as acompanhe durante um longo período, podendo este ter uma presença mais ou menos estável no dia-a-dia da criança – aparecendo apenas quando necessário ou tornando-se parte das rotinas diárias de tal modo que a criança exige um lugar a mesa ou no carro para o amigo imaginário ou se preocupa com a satisfação das suas necessidades básicas – assim como podendo ser sempre igual ou sofrendo alterações consoante as necessidades da criança (Taylor et al, 1993; Nagera, 1969; Taylor, 1999; Taylor & Mottweiler, 2008 e Majors, 2013).

Alguns dos amigos imaginários são descritos como tendo vidas independentes longe da criança, ou mesmo famílias próprias (Taylor & Mannering, 2006; Majors, 2013).

Funções dos amigos imaginários

Uma das principais razões que se acredita levar ao surgimento de amigos imaginários na vida de qualquer criança são os sentimentos de solidão ou de rejeição. Estes surgem com frequência nos primeiros filhos, principalmente após o nascimento de um irmão: se a diminuição da atenção prestada pela mãe for vista como uma rejeição e o amigo imaginário for sentido como uma figura mais fiável que esta (Nagera, 1969; McLewin & Muller, 2006; Majors, 2013).

É frequente os amigos imaginários serem utilizados como auxiliares do superego, uma vez que a criança precisa de controlos externos antes de o desenvolver e estabelecer totalmente. Assim, algumas crianças chegam mesmo a consultar o amigo imaginário quando se sentem irritadas ou se confrontam com algum impulso que já reconhecem como errado. Ao agir desta forma a criança faz com que o amigo imaginário cumpra a função de controlo externo, dizendo-lhes para controlarem o referido comportamento ou impulso e assim tornando-se uma parte essencial do desenvolvimento e da internalização e introjeção de comandos externos e, conseqüentemente, da construção do superego (Nagera, 1969; Klein, 1985; Wickes (1927/1966) cit por Klausen & Passman, 2007). Nagera (1969) afirma ainda que mesmo as crianças mais velhas, com um superego já estabelecido, por vezes utilizam os amigos imaginários para lidarem com certos impulsos que parecem fugir ao seu controlo,

nomeadamente em situações de maior *stress*, frustração ou conflitos, funcionando como um superego auxiliar necessário, mas temporário.

Ainda nesta linha, o amigo imaginário pode também ser um meio de descarregar impulsos que já não são aceitáveis para a criança: uma vez que esta já internalizou as proibições parentais ou teme a reação dos pais, esta irá dizer que foi o amigo imaginário que fez ou que lhe disse para fazer e portanto que não é culpa sua, algo mais frequente nas crianças mais novas. Ao utilizar estas estratégias a criança tenta evitar as críticas dos pais, mantém o seu amor-próprio e, ao mostrar que também critica o comportamento do amigo imaginário a par dos pais, mostra a emergência de uma atitude autocrítica, que eventualmente irá dar origem ao controlo dos impulsos (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor, 1999; McLewin & Muller, 2006).

Pode ocorrer ainda a criança projetar no amigo imaginário os seus medos, as suas zangas, os seus sentimentos mais negativos ou agressivos, permitindo-lhe uma descarga e um confronto com esses sentimentos, a qual irá aumentar a sua capacidade de lidar com eles e ao mesmo tempo proteger os amigos e a família. A criança, ao projetar no amigo imaginário os sentimentos que não compreende ou ao descarregar sobre ele as suas frustrações e agressividades, evita que estas sejam descarregadas nos que lhe são próximos e ao mesmo tempo trabalha sobre eles ao procurar empatizar e ajudar o amigo imaginário (Klein, 1985; Piaget, 1962 cit por McLewin & Muller, 2006; Griffiths 1935/1970, cit por Klausen & Passman, 2007; Majors, 2013).

Esta capacidade de projetar no amigo imaginário pode mostrar-se extremamente relevante, principalmente em contexto terapêutico, uma vez que por vezes as crianças projetam nos amigos imaginários os seus traumas ou sentimentos negativos colocando questões ou falando de si próprias ao falarem do amigo imaginário ou através dele (Sperling, 1954; Taylor, 1999)

Os amigos imaginários desempenham ainda, frequentemente, um papel compensatório na vida da criança, podendo funcionar como egos ideais, apresentando características que a criança deseja ter mas não tem ou que compensam características da criança que esta sente como fraquezas ou falhas suas. Desta forma são criadas condições para a criança construir relações que não existem na sua vida, compensar falhas existentes nas relações que existem ou praticar as relações com os outros significativos, permitindo assim à criança um crescimento e um desenvolvimento tanto a nível intelectual como a nível criativo, ao poder explorar diferentes contextos e situações para além daqueles que lhe surgem no dia-a-dia (Nagera, 1969; Taylor, 1999, Gleason, 2004; Hoff, 2005; McLewin e Muller, 2006; Major, 2013).

Neste sentido, Klein (1985) afirma que o amigo imaginário pode atuar para a criança como fenômeno transitivo, uma noção mais vasta do conceito de objeto transitivo de Winnicott, representando o self que já não está fundido com o objeto e permitindo à criança depositar no amigo imaginário o seu ideal onipotente que começa, nesta altura, a desaparecer. Nagera (1969) afirma ainda que o amigo imaginário pode prolongar o sentimento de controlo e poder da criança, atuando como um passo intermédio antes da passagem deste para os pais.

Os amigos imaginários são apontados como permitindo às crianças uma identificação aos pais, chegando estas a repreender os amigos imaginários como os pais fariam com elas, permitindo novos pontos de vista à criança. O amigo imaginário desempenha assim uma função anaclítica ao confortar e tornar-se confidente da mesma - principalmente em relação a temas que a criança não se sente confortável a partilhar com os pais - permitindo também a projeção de desejos da criança - quando são coisas que a criança não pode ter ou ter liberdades deseja - bem como permitindo ultrapassar barreiras e medos que a criança enfrenta - sendo que quando surge nestas condições tende a desaparecer assim que a criança ultrapassa a situação (Nagera, 1969; Klein, 1985; McLewin e Muller, 2006; Klausen & Passman, 2007 e Major, 2013).

Por fim, é importante referir que, segundo Ferreira (2008), por vezes as crianças utilizam os amigos imaginários, as suas experiências e aventuras com eles como meio para chamar a atenção dos amigos reais.

A criança criadora

O estudo dos amigos imaginários procura amostragem em diversas faixas etárias, desde crianças pequenas, na sua relação com o amigo imaginário presente, até aos adultos, estudando as consequências desta particular relação no desenvolvimento da personalidade do sujeito e da sua relação com o outro. É consistente a conclusão de que os amigos imaginários surgem maioritariamente entre os 3 e os 12 anos de idade, tendo uma particular incidência e presença entre os 3 e os 6 anos (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor & Mannering, 2006; Majors, 2013). Segundo Harvey (1918, cit por Nagera, 1969) estes tendem a desaparecer em dois momentos distintos, entre os 8 e os 9 anos ou entre os 11 e os 12 anos.

Pouco mais se sabe com consistência sobre o fenómeno da criação dos amigos imaginários pois, tão diversos são os estudos realizados como as conclusões retiradas. A esfera social da criança e a relação com os outros são das áreas que com mais frequência surgem na

literatura, no entanto não foi possível até hoje recolher informações concretas sobre a relação entre estas e o surgimento de amigos imaginários.

Sempre persistiu a ideia de que os amigos imaginários seriam criados pela criança como um mecanismo compensatório utilizado para colmatar lacunas a nível das relações com os pares, teoria em parte reforçada por Bouldin e Pratt (1999). Estes observaram que as crianças com amigos imaginários geralmente brincavam menos com os seus pares e irmãos, informação que tomaram como um indicador de menores níveis de capacidade de socialização por parte destas.

Esta informação volta a surgir com Hoff, em 2005, que com base em descrições dos professores e das próprias crianças com amigos imaginários percebeu que estas se compreendiam como tendo poucos amigos reais e sendo diferentes das outras crianças, sendo percebidas pelos pares como tendo menos competências a nível social, e por isso e menos aceites por estes.

Ademais, quando se atenta na personalidade da criança que cria amigos imaginários é também possível perceber que estas são com frequência crianças com menores níveis de bem-estar psicológico, bastante mais atentas aos seus estados internos e com uma maior orientação para ou outros, chegando mesmo a colocar as necessidades de terceiros acima das suas (Taylor et al, 1993; Gleason, Jarodi & Cheek, 2003; Hoff, 2005). Estas crianças surgem igualmente como menos ansiosas e com menos medos do que as crianças sem amigos imaginários. Já a característica “timidez/vergonha” gera algum desacordo: Gleason (2003) não encontra diferenças significativas ao nível da vergonha entre as crianças com e sem amigos imaginários, apesar de citar Svendsen (1934) que afirma que as crianças com amigos imaginários se apresentam como sendo mais tímidas, por oposição Taylor et al (1993) afirmam que as crianças com amigos imaginários eram na realidade menos tímidas.

É importante ainda referir que crianças com amigos imaginários acedem com bastante facilidade ao imaginário, têm sonhos mais vividos e coloridos e contam mais histórias com um grande recurso ao pensamento mágico e a figuras míticas (Taylor et al, 1993; Bouldin & Pratt, 1999; Gleason et al, 2003). Taylor et al (1993) revelam que as crianças com amigos imaginários acedem facilmente ao pedido de fingirem, chamar e interagir com um amigo, em contrapartida com as crianças sem amigos imaginários recusavam a tarefa ou afirmavam que o amigo estava demasiado ocupado. Já em relação à criatividade, apesar de não haver evidências de diferenças nas crianças, os adultos que reportam a existência de amigos imaginários na infância surgem como mais criativos em relação aos que não os tiveram (Pearson et al, 2001; Meyers cit por Hoff, 2005).

Por fim, em relação à inteligência não existe um consenso, havendo no entanto uma inclinação para afirmar que os amigos imaginários surgem com frequência em crianças mais inteligentes, apesar de não serem exclusivos de crianças com maiores níveis de QI (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Meyer & Tuber (1989) cit por Pearson et al, 2001).

Como tem vindo a ser demonstrado, as conclusões dos estudos dos amigos imaginário são pouco consensuais. É exemplo disso a investigação de Gleason (2004), *Imaginary Companions and Peer Acceptance*. Ao investigar as relações sociais de 88 crianças em idade pré-escolar, o autor supramencionado ao contrário das suas expectativas, concluiu que não existiam diferenças significativas entre as relações estabelecidas por e com crianças com amigos imaginários em relação àquelas que não os tinham. Tal conclusão vai ao encontro da noção de que a criação de amigos imaginários não ocorre apenas quando a criança tem falta de amigos reais à sua volta, uma vez que as crianças que relatam amigos imaginários podem ser crianças com vários amigos reais e até mais sociáveis do que as crianças sem amigos imaginários (Sperling, 1954 e Taylor, Cartwright & Carlson, 1993). Não obstante, o autor reforça a ideia de que as relações criadas por estas crianças com os seus amigos imaginários seriam sentidas como tão significativas e investidas emocionalmente como as relações desenvolvidas com os amigos reais (Mauro, 1991 cit por Gleason, 2004) tendo, no entanto, estas plena consciência do seu carácter imaginário, (Taylor & Mottweiler, 2008).

Método

Objetivos do Estudo

A criação de amigos imaginários subentende uma necessidade por parte da criança que esta não consegue colmatar recorrendo a relações reais, sendo assim essencial a compreensão destas relações e das necessidades na sua origem. Tendo isto em conta, o presente estudo objetiva explorar as percepções de sujeitos adultos em relação aos seus amigos imaginários de infância, às relações com eles estabelecidas e às funções destes amigos nas suas vidas; que influência poderá ter a percepção que a criança tem do ambiente que a envolve na criação do amigo imaginário e que efeito consideram os sujeitos que estas amizades tiveram no seu desenvolvimento e no modo como se percebem no presente.

Delineamento

A presente investigação seguiu uma abordagem qualitativa, tendo um cariz exploratório, procurando não confirmar hipóteses mas sim compreender a dinâmica da criação de um Amigo Imaginário e algumas das suas características com base nas descrições e recordações de adultos. Assim, pretende-se averiguar a descrição que os sujeitos fazem dos seus amigos imaginários e da relação que com estes mantinham, a descrição que fazem de si próprios e ainda do seu contexto familiar. Para tal propusemo-nos á realização de entrevistas semiestruturadas e posteriormente a análise das mesmas.

Amostra

A amostra foi constituída por seis mulheres dos 18 aos 26 anos, uma vez que apenas estas se disponibilizaram a participar no estudo. O método de amostragem foi não aleatório por conveniência, sendo o único critério exigido aos participantes que tivessem memórias dos seus amigos imaginários. A fim de preservar o anonimato dos participantes estes foram identificados através de nomes fictícios.

Instrumento

Para a recolha de informação recorreu-se a uma entrevista semiestruturada, permitindo esta a exploração de um tema definido de modo a que sejam recolhidos os indicadores necessários à investigação mas também a abertura necessária a que o sujeito partilhe livremente

os conteúdos que considera mais significativos. Segundo Hollway e Jefferson (2008) este tipo de entrevistas tem vindo a tornar-se o mais comum quando se procura compreender as experiências pessoais dos sujeitos e o significado que estas acarretam para o mesmo. Este formato de entrevista, recorrendo a perguntas abertas mas focadas no tema, permite ao investigador, por um lado, recolher e pensar as associações feitas livremente pelo sujeito quando referido um determinado tópico, podendo estas ir de encontro às hipóteses formuladas pelo investigador ou introduzir novas associações e temas, e por outro aprofundar tópicos necessários à validação das suas hipóteses, ao mesmo tempo que permite recolher indicadores não-verbais e pequenos detalhes como a moral das histórias partilhadas, o tipo de momentos enfatizados, as contradições e hesitações, etc. (Hollway e Jefferson, 2013). A atenção a estes indicadores permite ainda ao investigador compreender quais os temas que provocam maior ansiedade e desconforto ao sujeito, podendo os conteúdos relatados estar a ser evitados ou alterados. Tal acontece porque o contexto de entrevista por si só tende a provocar no sujeito certos níveis de ansiedade que o levaram a ativar, inconscientemente, defesas que o protejam dessa ansiedade, defesas que por sua vez irão provocar alterações nas informações partilhadas. Tal facto reforça a importância de permitir ao sujeito falar livremente, associando conteúdos e memórias com base em motivações emocionais e não racionais (Hollway & Jefferson, 2008).

É ainda, segundo Hollway e Jefferson (2008) de extrema importância garantir a clareza das questões e das palavras utilizadas para que estas tenham para o sujeito o mesmo significado que têm para o investigador.

Assim, com base na literatura recolhida e nos objetivos da investigação foi elaborado um guião que se centrou na experiência do sujeito com o amigo imaginário em criança, nas recordações em relação a este, na dinâmica familiar e no próprio sujeito (Anexo A). Com este intuito foram colocadas questões como:

Gostava que me falasse um pouco de si... Quais são os seus principais interesses e como se caracteriza.

Permite dar início à entrevista, procurando criar uma primeira relação com o sujeito, pedindo-lhe que se defina e procurando que este refira algumas características e interesses. Com base nas informações fornecidas pelo sujeito torna-se possível compreender as representações de si no momento presente.

Lembra-se de ter um amigo imaginário?

Permite que o sujeito apresente o seu amigo imaginário, procurando-se aqui recolher o máximo de informações possíveis com base nas memórias que o sujeito tem do amigo imaginário ou com base nos relatos de familiares. Esta pergunta pretende que o sujeito descreva

como surgiu e desapareceu o amigo imaginário, como era a relação, que atividades realizavam juntos, qual era a percepção que tinha deste (visual, auditiva, sensitiva) e que marcas deixou esta relação na personalidade e desenvolvimento do sujeito. Ao suscitar um movimento regressivo permite compreender de que modo o sujeito via e pensava o amigo imaginário aquando da relação.

Fale-me um pouco do seu contexto familiar nessa altura.

Permite ao investigador explorar de que modo o sujeito percecionava o seu contexto familiar, dos elementos constituintes do seu agregado e das relações entre estes.

Fale-me um pouco de si também nessa altura, como se descreve, como era na escola e com os amigos.

Permite explorar, mais uma vez apelando a um movimento regressivo, de que modo o sujeito se percecionava aquando da criação do amigo imaginário, nas diversas vertentes da sua vida (escolar, familiar e social) e a si mesmo, possibilitando um contraponto com a pergunta inicial e uma autoanálise do seu desenvolvimento.

Procedimento

Os participantes foram contactados através do Facebook sendo desde logo explicitado o objetivo da investigação, a necessidade de gravação da entrevista e garantido o anonimato.

Três das entrevistas foram realizadas presencialmente em locais escolhidos pelos entrevistados (duas na faculdade e uma numa esplanada), tendo as outras duas sido realizadas por videochamada, por incompatibilidade de horários e dificuldades de deslocação. Todas as entrevistadas foram tratadas por tu a pedido das mesmas.

As entrevistas foram posteriormente transcritas (Anexo B), tendo os nomes das participantes tendo sido alterados e as referências geográficas identificadas apenas com a primeira letra. Posteriormente estas foram analisadas, em parceria com dois juízes, tendo em conta as diversas interpretações que podem resultar dos conteúdos em estudo. Desta análise resultaram diversas categorias, tendo esta atentado não só no conteúdo manifesto das entrevistas mas também na linguagem não-verbal e nos processos dinâmicos inerentes.

Apresentação e Análise dos Dados

Cristiana

Cristiana tinha 10 anos quando criou o seu amigo imaginário, altura em que vivia apenas com a mãe e o irmão, quatro anos mais velho, sendo que o pai esteve ausente do país durante seis meses. Esta alteração criou algumas tensões a nível familiar (“podia haver uma possível separação”) e levou a um sentimento de indisponibilidade em relação à mãe, apesar de haver a racionalização da razão dessa indisponibilidade (“a minha mãe estava mais ocupada porque tinha de cuidar de dois filhos sozinha”). Também nesta altura o irmão “começou a ter os amigos dele, a sair”, passando menos tempo em casa e afastando-se dela.

Conta que o amigo imaginário era um rapaz e não tinha nome. Descreve-o como “uma pessoa bastante sóbria, bastante sério”, neutro, com um aspeto nórdico que associa ao irmão. Refere que nunca contou a ninguém que tinha esta companhia mas que a mãe sabia por a ver a falar sozinha.

Cristiana recorria ao amigo imaginário para conversar e ter apoio em momentos de reflexão, para “ter outra opinião”, como auxiliar do superego (“quando eu fazia asneira tinha sempre uma vozinha”, “era a parte mais velha de mim”, “o meu subconsciente mais sério”), para partilhar as suas brincadeiras e os seus sucessos (“olha o que eu consegui fazer, um truque novo!”) ou “como se fosse o meu irmão”. Segundo a própria a principal influência que o amigo imaginário teve na sua vida passou pelo facto de lhe permitir aprender a estar sozinha, a ser mais autónoma, necessidade que sentiu como urgente tendo em conta as perdas referidas acima.

O amigo imaginário acabou por desaparecer quando o pai regressou do estrangeiro.

Em criança diz que era muito dependente da presença dos outros à sua volta, resultado de ser a filha mais nova e ter crescido rodeada de animais. No entanto a ausência do pai e a consequente indisponibilidade da mãe, aliada à perda de “dois cães que morreram na mesma altura” e ao afastamento do irmão adolescente levaram a que sentisse uma necessidade de se tornar autónoma e independente. Descreve-se como uma criança muito brincalhona, extrovertida e inocente (“não media as coisas...nunca vi o mal nas pessoas, nunca vi as coisas negativas da vida e as consequências negativas que as coisas podiam ter...”). Refere ainda que foi vítima de bullying por parte das colegas de escola, resultado de inveja por ser modelo, estar envolvida em diversas atividades desportivas e musicais e ainda assim conseguir ter boas notas (“batiam-me, contavam a quantidade de chapadas que me davam”). Hoje Cristiana descreve-se como uma pessoa extrovertida, aventureira, “maluca ou brincalhona” que quer conhecer o

mundo e viajar, como uma pessoa aplicada em todos os campos da sua vida e ainda como “uma pessoa bastante forte a nível emocional”. Diz que ainda hoje fala “muito sozinha”, algo que a mãe também faz.

Joana

O amigo imaginário de Joana surgiu quando esta tinha cerca de 7 anos, idade com que perdeu a bisavó com quem passava a maior parte do seu tempo (“eu e as minhas amigas estávamos sempre ali com ela a brincar”) e perto de quem se sentia protegida. Também nesta altura a mãe saiu do país em busca de trabalho, ficando Joana a viver com os avós. Conta que esteve cerca de seis anos sem ver a mãe, altura em que a foi visitar, não tendo no entanto memórias desta viagem (“passei o Natal se não me engano... Ou foi as férias de verão já não me lembro.”). Quando a avó adoeceu a mãe voltou a Portugal, onde ficou dois, três anos. Partilha ainda que sempre viveu com os avós e que passava apenas os natais e alguns aniversários com a família do pai e o pai, que se separou da mãe ainda antes do seu nascimento, sendo que aos 6 anos tomou a decisão de não o voltar a fazer por considerar que não eram eles a sua família (“eu não vivo de bonecos e o meu pai só me dava isso... não são eles a minha família, não são eles que cuidam de mim”).

O amigo imaginário de Joana “não tinha nome e era um rapaz, algo que associa ao facto de se dar “mais com rapazes do que com raparigas” e mais tarde na narrativa de “precisar de um pai”. Descreve-o apenas como “calado” e reconhece que a mãe e a avó sabiam do amigo imaginário, apesar de nunca ter contado e uma vez que apenas conversava com ele na casa de banho, porque a viam falar sozinha e reconheciam comportamentos da mãe que também em criança tivera um amigo imaginário (facto que facilitou a compreensão por parte de ambas). Considera que era o seu “melhor amigo naquela altura”, era quem procurava quando precisava de confirmação (“respondia a coisas que até eu própria já sabia a resposta”) com quem desabafava, quem a ouvia, fazendo, segundo a própria, o papel de psicólogo, sendo que a brincadeira só surgia na sua relação nos “dias positivos”.

Joana tem memórias do amigo imaginário até por volta dos 14 anos.

Afirma que não mudou muito ao longo do seu desenvolvimento: “sempre fui muito dada, consigo arranjar amizades assim facilmente”. Sempre teve muitos amigos e nunca utilizou a sua história de vida para se vitimizar, pelo contrário, procurava provar a si própria e aos outros que era forte e se conseguia manter alegre aplicando-se também bastante na escola. Já nesta altura mostrava dificuldades em lidar com fragilidades, tanto suas como das pessoas à sua volta (“não chores, por favor... faz-te um homem ou uma mulher!”).

Em criança não gostava de pintar e quando o fazia usava maioritariamente cores escuras. Quando brincava com Barbies cortava-lhes o cabelo e dizia que estavam estragadas porque este não voltava a crescer, sendo que o que gostava mesmo era de jogar à bola e brincar com carrinhos, sendo que nas raras vezes em que brincava às casinhas “tinha de ser sempre a filha, não queria ser a mãe, dizia que não tinha jeito para isso”. Hoje, continua a ter a música como paixão, partilhando que cantou fado até há dois anos e que adora dançar. Não consegue estar muito tempo quieta ou a fazer a mesma coisa (“Não gosto de ir por exemplo beber café, estar muito tempo parada”), estar em casa sufoca-a e as aulas são um desafio se não as considerar interessantes. Descreve-se como teimosa e “de ideias fixas”, apesar de ficar triste sabe “perceber quando a (outra) pessoa tem razão” e detesta quando a pressionam para fazer alguma coisa, mesmo que seja algo que normalmente gosta de fazer. O mesmo se observa no referente a relações amorosas. Afirma nunca ter tido uma relação séria pois não gosta de se sentir presa a alguém ou controlada, de ter de se justificar, algo que “pode não ser assim ao início mas depois vai ser (...) vai ser sempre assim”. Os amigos são um tema constante nas suas narrativas, adora passar tempo com eles, é “a melhor pessoa que se pode ter como amiga” pois dá tudo pelos amigos e está sempre disposta a ajudar, sendo também neste campo de atitudes radicais. Diz que se perder alguém importante fica em baixo mas recupera com facilidade (“esqueço bué depressa”), não perdoa facilmente e se alguém falha com ela afasta a pessoa (“rancorosa, não é bem...”). Atribui a pessoa que se tornou à mãe e aos avós e afirma ter compreendido que não se deve guiar pelo que os outros vão pensar dela mas sim do que sente e quer para si própria.

Joana reconhece hoje na sua melhor amiga as qualidades que procurava em criança no amigo imaginário, amiga que conhece à apenas alguns meses mas que afirma parecer que já conhece “há anos”. Admite que foi a experiência do amigo imaginário que lhe deu abertura para “ser mais verdadeira” com os seus sentimentos e para se sentir confortável a confiar noutra pessoa como confia na melhor amiga pois sempre foi muito “reservada”.

Raquel

Com cerca de 4 anos Raquel compreendeu que tinha um amigo imaginário. Apesar de ter memórias do Sérgio ainda antes disso, foi com a entrada para a pré-primária e o confronto com a incapacidade dos colegas de verem o Sérgio que compreendeu que ele era imaginário, “não o via como amigo imaginário até entrar na pré-primária (...) É um amigo imaginário porque ninguém o vê (...) houve ai um momento que pensava que só os adultos não o viam mas as crianças sim”. Raquel vivia com o pai nos seus primeiros anos, indo mais tarde viver com a mãe e passando nesta altura muito tempo com a avó. A relação com a “mãe sempre foi pacífica”,

pois esta compreendia as suas diversas fases, apesar de nunca ter sido uma confidente uma vez, tal como a avó de Raquel, tinha “alguma dificuldade em falar”. Já com o pai, Raquel afirma que em “criança em parte era fácil porque as crianças estão sempre contentes com toda a gente” mas hoje a relação “não é assim tao fácil” porque: “é uma pessoa que sempre exigiu muito, então eu nunca me senti completamente... suficiente. Ou então sim, sentia-me suficiente mas suficiente não era bom”.

Raquel descreve o amigo imaginário como “um rapaz bétinho... moreno mas de olhos verdes”, um ano mais velho que ela. Refere que essas são as características que aprecia num rapaz, vendo nele não só “o amigo perfeito (...) o namorado perfeito”. Diz ainda que ele era teimoso, “nada podia ser feito de uma forma diferente daquela que ele queria” mas apesar disso era “simpático”, “gentil”, “alegre”, “ouvinte”, “muito bom a guardar segredos” e que nunca a chateava quando tinha outros amigos em casa, características que admite serem aquelas que também nela “se vêm mais facilmente”. A família tomou rapidamente conhecimento do Sérgio porque Raquel falava abertamente sobre ele, incluindo-o nas refeições e nas viagens, por exemplo, e a mãe tentava compreender e falava dele como se “fosse um amigo que estava cá em casa”. Sérgio era um amigo que “estava sempre presente”, “no canto da sala (...) noutra divisão (...) estava sempre a ver a imagem dele”. Partilha que obrigou a “mãe a comprar uma cama com dois colchões porque ele tinha de dormir no colchão de baixo” e que quando tinha amigos a passar a noite em sua casa “se fosse um rapaz dormiam os dois naquela cama (...) mas se fosse uma rapariga ela não podia dormir na cama de baixo porque estava lá o Sérgio” então dormiam juntas.

Sabe, através dos relatos da mãe e da avó, que ainda antes de se lembrar incluía o Sérgio nas suas brincadeiras, “estava sempre a marcar consultas para o Sérgio, o Sérgio estava sempre a precisar de explicações”, lembrando-se também que, por volta dos 6 anos, gostava de jogar Monopólio com ele apesar da mãe não a deixar por ser demasiado nova e que o Sérgio a “roubava”. Mais tarde, o Sérgio tornou-se também a “parte ouvinte (...) sempre com o conselho na ponta da língua”, ouvindo os seus desabafos em relação ao pai e colmatando o papel da mãe e da avó como confidentes, era um “refúgio para conversar”. Desde cedo o Sérgio era incluído nas refeições - ficando normalmente numa “cadeira porque ele não gostava do banco” - ou nas viagens (“O carro ir cheio e eu ir no porta-bagagens porque o Sérgio não podia ir no porta-bagagens porque não gostava de ir muito apertado”).

No decorrer da entrevista foi possível perceber que Raquel ainda hoje recorre “ao Sérgio milhões de vezes” e, apesar de “já achar um bocado fora de contexto” ter um amigo imaginário,

continua a “ter uma imagem dele (...) e a roupa e tudo na mesma (...) ele vai crescendo também”.

Raquel refere que apesar de sempre ter sido uma criança “muito mexida não era difícil de cuidar”, era calma, gostava que a deixassem estar e cedo começou a “fazer tudo e pedir tudo”. Diz que sempre se interessou “por coisas que as crianças não gostam, livros, outras línguas, animais mas não animais do zoo, animais estranhos”, algo que a fez gostar da sua própria companhia. Sempre foi “um máximo na escola” apesar de ser “super desorganizada” e nunca ter tido “um caderno nem nada do gênero”, chegando mesmo a afirmar que se achava “um máximo a triplicar porque (...) não tinha nenhum caderno e mesmo assim tinha boas notas e as outras tinham imensos cadernos e aquelas canetas com cores irritantes e essas coisas e no entanto não tinham boas notas”. Já o Sérgio era “muito organizado (...) tinha imensos dossiers (...) era a única pessoa organizada (...) e que tinha boas notas, então era um gênero de competição com ele”. A propósito da organização do amigo imaginário conta ainda que: “não trouxemos os dossiers do Sérgio e ele ficou super chateado e ponderou em ir viver para casa de outra pessoa. Nunca me disse quem mas era mesmo para me magoar e eu nem podia saber quem era.” Apesar de referir ter gostos diferentes das outras crianças e gostar da sua própria companhia Raquel refere que “tinha imensos amigos porque também participava em muitas atividades”, entre elas “várias escolas de música e o conservatório, em vários instrumentos”, “canto”, “dança” e até alguns meses “no judo, mas o Sérgio não gostou”. A escola também foi um fator importante na sua socialização pois trocavam “muito as turmas (...) para as crianças estarem sempre em comunicação com outras e conhecerem...”. Considera-se “teimosa”, “divertida”, “alegre”, “super sonhadora”, acha que vai “salvar o mundo e mudar o mundo todo”, “entusiástica e um bocado fantasiosa” dizendo que no entanto não é “nada confiante”. Com o Sérgio considera que aprendeu a ser “boa ouvinte” e a gostar um pouco de tudo e a encontrar forma de gostar das coisas.

Segundo Raquel o Sérgio permitiu-lhe não ter “dificuldades em brincar sozinha” e enfrentar certos momentos da sua vida ao ganhar força nas conversas que tinham, algo que ainda hoje sente fazer (“eu supostamente falo sozinha mas acho que não estou a falar sozinha”). No entanto, estas conversas que lhe davam força e “a capacidade do Sérgio guardar segredos”, que nunca reconheceu em mais ninguém à sua volta, levaram também a que tivesse mais dificuldades em conversar e confiar em alguém que não o Sérgio (“eu não acho que isso vá correr bem com pessoas, com amigos”). Refere ainda que, hoje, quando não consegue “formalizar o Sérgio (...) em casa” fica “completamente apavorada” por estar sozinha e que continua a “ter muitas mudanças no comportamento e nas opiniões por causa dele”. Para

Raquel, o principal momento em que a sua vida foi influenciada pelo Sérgio ocorreu quando tinha 17 anos. Conta que se encontrava numa relação amorosa em que era vítima de violência, a qual durava há cerca de um ano, situação que nunca ninguém da família soube, apenas o Sérgio, e à qual só conseguiu pôr termo quando teve “de mentir de forma catastrófica à minha mãe para ela acreditar que tinha caído (...) porque tinha a sobancelha rasgada”. Mentira à qual se seguiu um “raspanete de todo o tamanho do Sérgio”, chegando mesmo a afirmar: “até hoje não acho que fui eu que me convenci, foi ele”.

Eunice

Eunice situa o aparecimento da amiga imaginária Paula na altura em que entra para a primária, apesar de referir que antes já tinha algumas amigas que não eram tao “fixas” (“a minha mãe já diz que eu antes de entrar para a escola, que eu entrei com cinco (...) então eu já tinha amigas (...) mas essas nunca foram fixas). Conta que a Paula começou por aparecer apenas na casa de banho, onde vivia (“tinha a casa dela que era na minha casa de banho, no armário dos medicamentos. Porque eu abria: “Estas aí Paula?” e ela saía. E quando tinha de se ir embora eu abria de novo a porta e ela entrava no armário dos medicamentos e eu fechava a porta”. Quando iniciou a escola a Paula passou a surgir também no recreio, “nunca tinha problemas em falar com ela” mesmo que os colegas estivessem por perto. Nas aulas não estava pois “tinha a sua própria sala, a sua própria escola, os seus próprios professores”.

Na altura Eunice vivia com os pais e o irmão mais velho, sendo que o pai “era atleta, viajava imenso” o que fazia com que fossem “praticamente um trio”. O pai dizia-lhe várias vezes que os amigos imaginários “não existem”, algo que acabou por fazer com que não partilhasse a existência da Paula. A mãe “não trabalhava, estava em casa” e por isso “estavam sempre coladinhas (...) estava sempre atras dela”, passando os dias a aprender as brincadeiras “do tempo de menina” da mãe, a contar histórias, a cantar, no “quintal, a apanhar as folhas, varrer” e a andar de bicicleta. Descreve a rotina diária: “íamos as duas buscar o mano à escola, estamos a voltar para casa, estava na hora de fazer o jantar para o pai, o mano estava a estudar, eu não tinha aulas nem professor mas também tinha o meu caderno a fazer gatafunhos, depois era a hora de jantar, esperávamos pelo pai, conversar um pouco com o pai e dormir”. Quando a mãe começou a trabalhar “em casa de uma senhora” levava-a e ela queria ajudar (“sujava mais do que ajudava mas era companhia”). Quando tinha seis anos o irmão entrou para a escola e recorda que quando ele “vinha contar as histórias dele”, falar dos colegas que tinha, ela também contava as suas histórias com os colegas (“era mentira porque eu nem sequer andava na escola (...) passava os dias com a minha mãe (...) era tudo da minha cabeça”.

Paula e tinha a mesma idade que Eunice, tendo sido a primeira amiga imaginária “fixa” que criou apesar de já ter tido outras “mas essas nunca foram fixas”. Apesar de não as conseguir recordar refere que a Paula “tinha feições e tudo” e que era parecida com ela, uma “versão reflexo”, que “gostava das mesmas coisas, (...) de comer as mesmas coisas”, que tinha os mesmos interesses, que a acompanhava “a tomar banho, a lavar os dentes” e com quem conversava, chegando mesmo a descrevê-la como a sua “alma gémea”. Apesar de terem um mundo muito similar e notar que as coisas que lhe aconteciam também aconteciam à Paula (“tinha colegas diferentes, que tinham os mesmos comportamentos que os meus, mas tinham nomes diferentes”) afirma que não era como “uma irmã imaginária” (“tinha o seu próprio pai”, “não diria que (...) tínhamos a mesma mãe”). Para Eunice a Paula era a sua companhia: “para não ter de estar sozinha eu dava por mim a conversar com alguém (...) no intervalo eu brincava com a Paula (...) passava os intervalos sozinha”. Sendo “um reflexo” de Eunice, era também quem melhor a compreendia, “estava constantemente a concordar” com ela, era uma amiga que a “completava” e assim passavam o tempo a “conversar”, jogavam à macaca, às escondidas, e brincavam com os Nenucos. Eunice destaca a “companhia” e “compreensão” da amiga imaginária como o ponto mais positivo da sua relação, realçando que não foi o facto de esta existir que levou ao seu isolamento (“eu isolava-me porque... era eu naquela altura”).

A Paula acabou por desaparecer na altura em que a Eunice entrou para o quinto ano, mudando de escola, altura em que também nasceu a irmã mais nova e em que afirma: “tive que crescer (...), de ser uma irmã mais velha (...) foi uma coisa que eu nem me apercebi, simplesmente ela desapareceu, (...) quando eu também tomei consciência que cresci”. Levanta então a hipótese: “Talvez se eu não tivesse socializado, se não tivesse feito amigos, se a minha irmã não tivesse nascido, se eu não tivesse de ter tido outro tipo de responsabilidades, quem sabe ela não teria perdurado um pouco mais”.

Apesar de não ter recordações de si antes dos cinco anos Eunice conta que em criança era “introvertida”, “muito medrosa (...) muito solitária, não tinha amigos nem nada (...) não era de ter amigos na escola”, principais razões que levaram ao aparecimento da amiga imaginária. Partilha também que “gostava mais de estar na companhia dos adultos” e que na escola a sua “única amiga era a professora”, evitando falar e participar nas aulas “não ia ao quadro”, algo que, associado ao facto de ser “molenga” levou a que tivesse algumas dificuldades na escola, apesar de gostar de ir à escola e nunca ter chumbado. Hoje, diz que é “a queen of the night se for possível”, afirma ser “sonhadora”, “um bocado criança de mais para a (minha) idade, um bocado adulta de mais para a (minha) idade”, “desorganizada, maluca, responsável”.

Fábia

A amiga imaginária de Fábria surgiu quando esta tinha 4 anos, altura em que nasceu o seu irmão mais novo.

Aos 4 anos Fábria vivia com os pais e com o irmão recém-nascido. Conta que o pai não estava muito tempo em casa e que a mãe “também trabalhava até tarde”, sendo a maioria das suas recordações referentes à escola ou aos fins-de-semana em que visitava os avós e os primos. Aos seis anos a “prima mais velha” com quem brincava “também se foi embora”, e nasceu a sua irmã mais nova. Descreve que os irmãos eram “muito chegados um ao outro” e que não brincavam com ela porque o “irmão era rapaz e a outra não gostava”. A irmã cortava o cabelo às suas barbies, “sempre foi muito mais maria rapaz” sendo Fábria “muito mais menina” afirmando que pode ter sido também esta distância a causa do aparecimento da Maria Inês: “se calhar foi por causa disso também, como eles não me ligavam nenhuma e eu também não queria que me ligassem, foi um bocado companhia”. No final do terceiro ano mudou de escola, “de um colégio para outra escola”, escola que no início “odiava” e onde “não tinha muitos amigos”.

A amiga imaginária de Fábria chamava-se Maria Inês, esta “não a via” mas falavam, descrevendo-a como uma amiga “leal”. Nunca contou a ninguém sobre esta amiga porque “se não era maluca”. A Maria Inês era a “companhia” de Fábria, com ela brincava às Barbies e aos Nenucos, algo que não conseguia fazer com os irmãos que “ não eram muito chegados uns ao outros” e não lhe “ligavam nenhuma”.

Fábria conta que sempre foi muito feminina, que em criança “era fofa (...) a típica menina que gostava de cor-de-rosa e de vestidos e de brincar às Barbies e aos Nenucos, não faziam mais nada”. Hoje, gosta de “sair à noite”, estar com os amigos, “ler”, “passear”, “ir às compras, coisas normais”. Descreve-se como “chata”, “mandona”, com “mau feitio”, “simpática”, “extrovertida”, “divertida” e “maluca” e diz que a mãe “devia ter orgulho” nela em vez de a “chatear”. Apesar de quando era criança Fábria classificar a amiga imaginária de “bom, (...) giro, uma forma de nos entretermos” uma vez que não tinha mais ninguém, hoje, quando olha para trás, pensa que “era louca”.

Maria Inês acabou por desaparecer quando Fábria estava no quarto ano.

Sofia

Sofia afirma que o Guilherme apareceu quando a “irmã foi viver para F”. Ele comia com ela, “ficava sempre em casa” quando ela ia para escola e não se recorda de “ele ir embora” quando dormia apesar de saber que não dormia com ela.

Sofia estava na pré-primária quando a irmã, sua principal companhia e apoio, se mudou para o estrangeiro, momento que descreve como um dos “mais difíceis” da sua vida. Conta que a irmã nunca a “deixava sozinha em momento algum” e que a defendia sempre “mesmo que não tivesse razão”. Nessa altura vivia com a mãe e com o padrasto e era “mimada” por todos apesar de se dar melhor com o padrasto do que com a mãe, com quem “as coisas sempre foram muito difíceis”.

O amigo imaginário de Sofia chamava-se Guilherme, “usava calções azuis-escuros e uma t-shirt vermelha todos os dias”, era “simpático”, nunca “dizia que não a nada” do que Sofia lhe pedia, concordava com ela em tudo e dava-lhe “sempre razão”. Apesar de não se lembrar bem acha que ninguém sabia da existência do Guilherme. Sofia diz que o Guilherme era “como se fosse um diário” com quem “falava muito”, jogava, brincava às Barbies. Era um amigo que lhe fazia companhia e lhe dava sempre razão, atitudes que associa também à irmã.

Em criança Sofia era “bastante tímida” (“nos primeiros quinze dias nem sequer fui à escola porque tinha medo”) e muito mimada pela família e protegida pela irmã. Hoje, gosta de “estar com os amigos” e com a família, afirmando: “quando estou com os amigos estou mesmo só com os amigos e quando estou com a família estou mesmo só com a família”. Considera-se uma pessoa “super inconveniente” por não ter “filtro” e dizer tudo o que lhe vem à cabeça. Diz que é “sincera” mas também consegue ser “sonsa às vezes”. Em relação aos outros, consegue ser “bastante empática (...) criar logo uma relação com as pessoas” e diz que: “quando gosto de uma pessoa gosto mesmo muito, quando não gosto, não gosto mesmo de todo”. Sofia identifica como a principal influência do Guilherme na sua vida o apoio e companhia que lhe fez no que descreve como “uma das alturas mais difíceis da minha vida”, o momento em que a irmã a “abandonou”, em que se sentiu “realmente sozinha”, pois estava habituada a estar sempre com ela em casa e na escola. No entanto refere ainda que o facto de as pessoas lhe chamarem “maluca e isso” quando sabem que teve um amigo imaginário “não é nada positivo”.

O Guilherme acabou por desaparecer na primeira classe, quando começou a “criar mais amigos”.

Discussão

O Amigo Imaginário

Analisando a percepção que as participantes tinham dos seus amigos imaginários é possível constatar que, apesar de todas conseguirem identificar o seu sexo e quase todas o conseguirem descrever fisicamente, a maioria das participantes afirma não ser capaz de visualizar o amigo imaginário, conclusões que estão de acordo com as de Harvey (1918 cit por Nagera, 1969).

A partilha da existência do amigo imaginário é algo que apenas ocorre num dos casos do nosso estudo (caso Raquel), sendo que todas as outras participantes mantêm o amigo em segredo. Raquel, por se tratar do caso em que o amigo imaginário aparece mais cedo é a única que fala à família desta relação, reservando ao amigo um lugar à mesa, no carro, exigindo uma cama onde este pudesse dormir e chegando mesmo a alterar as suas rotinas para agradar ao amigo imaginário, mostrando não haver ainda uma antecipação das reações das pessoas à sua volta (Taylor, 1999), até porque afirma só ter compreendido que o Sérgio era imaginário quando entrou para a escola, estando até essa altura convencida que apenas as crianças o conseguiam ver. De realçar é também o caso de Eunice que após falado sobre algumas das suas amigas imaginárias, mais momentâneas, com o pai que lhe dizia repetidamente que estas não eram reais, optou por manter Paula, com quem criou uma relação mais significativa, em segredo (Sperling, 1954). De notar que, apesar de não quererem revelar a existência de um amigo imaginário, algumas das participantes referiram que os familiares sabiam, sendo que apenas as duas participantes que relataram que ninguém sabia da existência dos amigos imaginários receiam, ainda hoje, que sejam desvalorizadas ou rotuladas por quem descobre a sua existência, mostrando que associam a esta experiência um rótulo negativo, apesar de a descreverem como positiva e enriquecedora.

Vários autores referem que, frequentemente, os amigos imaginários são baseados no quotidiano da criança, em pessoas, personagens ou mesmo animais com que a criança teve contacto (Taylor, 1999; Ferreira, 2008 e Majors, 2013). No nosso estudo tal associação surge apenas no caso de Cristiana que refere que o amigo lhe fazia lembrar o irmão. Em todos os outros casos podem ser identificadas no discurso algumas semelhanças nos tipos de relações que as crianças desenvolvem com os amigos imaginários, e que tinham com elementos significativos sentidos como ausentes ou distantes, apesar de tal associação não chegar a ser

feita pelas próprias. De notar o caso de Raquel que associa as características do seu amigo imaginário com as características do namorado ideal apresentam-nos uma vertente do amigo imaginário que não é frequente surgir: o amigo imaginário como objeto de desejo, como ideal do sexo oposto. No entanto, o facto de o ter criado ainda antes dos 3 anos levanta algumas questões, podendo indicar que não terá sido a sua aparência a ser influenciada pelos gostos de Raquel mas sim o contrário: o que hoje Raquel procura no namorado ideal tenha por base a sua relação com o amigo imaginário ou que a imagem deste amigo possa ter sido alterada mais tarde de modo a se adaptar aos interesses de Raquel. Existe também a possibilidade de, no caso de o pai apresentar as características descritas no amigo imaginário, esteja sim em “jogo” a paixão pelo pai, típica do complexo de Édipo, permitindo assim a transferência destes sentimentos para um objeto que provoca menos culpa. Também Joana se apresenta como um caso diferente, ao associar o amigo imaginário com a sua melhor amiga atual, podendo demonstrar uma transferência das características do amigo imaginário para esta amiga com quem criou uma forte ligação, apesar de se conhecerem há pouco tempo.

Atentando no sexo atribuído aos amigos imaginários, confirmamos as afirmações de Jersild et al. (1933, cit por Nagera, 1969); Hoff (2005) no sentido que as raparigas tendem a criar amigos imaginários do sexo masculino. Apenas duas das participantes criaram amigos imaginários do mesmo sexo, sendo que somente em Eunice fica claro que tal acontece pela procura de proximidade e compreensão reforçada por todas as semelhanças entre ambas.

Já em relação à idade, tal como observado na literatura, apenas um dos amigos imaginários era um ano mais velho do que a criança, tendo todos os outros a mesma idade que estas (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor & Mannering, 2006; Taylor & Mottweiler, 2008). Uma vez que o que as participantes parecem procurar nos amigos imaginários é um sentimento de apoio e compreensão que, frequentemente, sentem ter falhado por parte dos adultos à sua volta, é compreensível que sejam da sua idade, pois só assim lhes é permitida a partilha das suas experiências diárias e garantindo-lhes uma visão próxima da sua.

Todos os amigos imaginários foram referidos como tendo a aparência de crianças normais, não havendo referência a características ou poderes especiais (como expõem Taylor e Mottweiler em 2008), apesar de nem todas as participantes serem capazes de os descrever e apenas duas descreverem roupa e feições.

Os amigos imaginários surgem com diferentes personalidades e características, sendo no entanto perceptível que estas se encontram relacionadas com os papéis que têm na vida das crianças e as lacunas que estas necessitam que eles preencham as quais serão abordadas mais à frente. Assim, é frequente surgirem traços que remetem para capacidades de apoio e contenção,

como serem bons ouvintes, leais, simpáticos, calados. De realçar a descrição de Raquel, que reconhece no amigo imaginário as mesmas características que atribui a si própria, e de Cristiana que atribui ao amigo imaginário uma neutralidade que lhe permite adapta-lo às suas necessidades, mas também características que remetem para uma ideia de distanciamento e frieza, as quais parecem cumprir a função de uma barreira aos afetos, e nos fazem transparecer o seu medo de se apegar a este amigo de quem precisa e que ao mesmo tempo tem medo de perder, tal como sente ter perdido o irmão ou mesmo o pai (figuras significativas sentidas como ausentes).

Apenas Eunice refere mais do que um amigo imaginário, distinguido no entanto as relações que tinha anteriormente da relação com Paula, mais investida e duradoura. Algumas crianças criam vários companheiros de brincadeira com diferentes atributos e características que se adaptam aos papéis que a criança procura que estes desempenhem na sua vida (Taylor et al, 1993; Nagera, 1969; Taylor, 1999; Taylor & Mottweiler, 2008; Majors, 2013). No entanto, a criação de um amigo imaginário que se mantém constante ao longo do tempo reflete necessidades mais profundas, e neste caso a sua inicial restrição a um espaço em que Eunice está sozinha, mostra-nos a sua dificuldade em lidar com a solidão. É também Eunice a única que imagina uma vida independente para amiga imaginária, uma casa, família e escola próprias. Ao longo da entrevista conseguimos perceber que Eunice e a mãe tinham uma relação fusional, passando todo o dia juntas, fator que explica a dificuldade em estar sozinha, mesmo em curtos espaços de tempo, como as idas à casa de banho. Mais tarde, com a entrada na escola, é possível perceber que apesar de Eunice passar a recorrer à amiga imaginária fora da casa de banho procura uma certa distância (ao estarem em turmas diferentes) a fim de poder continuar a partilhar o seu dia-a-dia.

Esta ausência durante o dia é visível em quase todas as participantes uma vez que os amigos imaginários tendem a surgir apenas em casa. Esta presença pode também ser variável. Joana restringia o amigo imaginário à casa de banho, Cristiana tinha-o presente sempre que brincava e Raquel tinha sempre uma ideia do amigo imaginário, mesmo que não estivessem na mesma divisão, sendo visível nesta relação a presença mais frequente de todos os casos relatados. Podemos perceber uma certa dependência em relação ao amigo imaginário, que compreendemos ainda hoje existir quando Raquel refere que fica assustada quando está sozinha em casa e não consegue imaginar o Sérgio por perto. O Sérgio tornou-se uma constante na vida de Raquel, alguém que a acompanha e que está presente incondicionalmente. Mesmo em criança, e apesar de perceber que era algo que a tornava diferente das outras crianças e que os adultos não compreendiam, sempre abraçou a ideia do amigo imaginário, sem vergonha e sem

esconder. Esta presença constante pode ser reflexo de uma incapacidade de abandonar ou integrar o amigo imaginário, pois abandoná-lo seria como perder uma parte de si, correndo o risco de se sentir sozinha, e integrá-lo iria criar conflitos internos (Bach, 1971).

Funções dos amigos imaginários

Podemos perceber que o surgimento dos amigos imaginários é frequentemente associado pelas participantes a uma experiência de perda ou de um déficit emocional sentido pela criança na relação com um outro significativo (provocado pela morte da figura cuidadora, pela sua ausência, pelo nascimento de um irmão ou pelo divórcio dos pais) que levam a sentimentos de abandono, de negligência e solidão, e conseqüentemente à criação de um amigo imaginário que faça a criança sentir-se amada, sem o risco de se sentir novamente abandonada (Bach, 1971; Benson & Pryor, 1973; Benson, 1980 cit por Seiffge-Krenke, 1997; Nagera, 1969; Gleason & Kalpido, 2014). A ausência pode ser real, ou apenas sentida pela criança, quando os elementos significativos se mostram menos disponíveis a nível emocional, mais distantes. Em dois dos casos, apesar de não haver um sentimento de perda podemos perceber que existe uma necessidade que não está a ser colmatada, necessidade essa de companheirismo, de compreensão.

A função de auxiliar do superego, uma das principais apontadas nos amigos imaginários, surge no presente estudo apenas com Cristiana. Apesar de esta já se encontrar numa idade em que o superego já estará desenvolvido, Nagera (1969) diz-nos que pode acontecer esta necessidade de uma consciência complementar, principalmente se o pai, ausente nesta altura, for a principal figura de referência no que concerne às regras e restrições.

Neste estudo os amigos imaginários surgem maioritariamente como contentores, símbolos de segurança e acalmia, companheiros. Os seus papéis e funções na vida das suas criadoras mostram-nos as fragilidades e “faltas” que sentiam quando os criaram, chegando mesmo a tornar perceptíveis conteúdos inconscientes. O amigo imaginário parece então ter por base as necessidades mais profundas da criança que o cria, funcionando como uma adaptação anaclítica: desempenha ao mesmo tempo o papel de superego-auxiliar e de ego-auxiliar, um papel de companheiro em todas as ocasiões, uma vez que estas ainda necessitam de um objeto externo de apoio (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Estas amizades vão permitir à criança sentir-se compreendida, apoiada (ao contrário das amizades reais que confrontam a criança com as suas falhas), funcionando os amigos imaginários como confidentes, depositários de angústias, no sentido de esta ser capaz de se proteger a si e aos que a rodeiam, ao confiar no amigo imaginário tudo o que possa ser causa de angústia ou sofrimento emocional. Tal é visível

principalmente no caso de Joana que afirma confiar ao amigo imaginário as saudades que tinha da mãe e os diversos sentimentos em relação ao pai, conteúdos que sentia que iriam magoar a avó que se iria sentir pouco competente no papel de cuidadora.

Foi perceptível em todas as participantes um sentimento de solidão, visível na ausência de companheiros de brincadeira, na procura de autonomia, na falta de confiança nos outros, no sentimento de incompreensão ou de abandono, que parece explicar a criação do amigo imaginário. Este sentimento de solidão pode surgir mesmo quando a criança não perdeu nenhum familiar ou amigo mas sente que as suas relações não são suficientemente satisfatórias, algo visível no caso de Eunice. Apesar de ser notória uma grande proximidade entre Eunice e a mãe, uma vez que passavam todo o dia juntas, esta sentiu a necessidade de criar uma amiga imaginária que a compreendesse e passasse pelas mesmas situações com que se deparava no seu dia-a-dia. Tal demonstra-nos que a companhia presencial, física, não era suficiente para Eunice, não impedindo um sentimento de solidão e incompreensão. O passar o dia acompanhada pela mãe e ter por perto um irmão apenas um ano mais velho que ela, reforça a ideia de que a criação de Paula vem colmatar estes sentimentos negativos, ajudando-a a lidar com eles de uma forma adaptativa e não destrutiva. O distanciamento criado mais tarde pelo facto de Paula frequentar uma escola diferente e pela noção de que esta não era como uma irmã, mas sim uma amiga com uma vida muito parecida, permite a Eunice a partilha, a verbalização, das suas experiências e a certeza de que a amiga a iria compreender, tal como ela passaria a ser capaz de fazer.

Com Raquel foi possível ainda perceber como os amigos imaginários tendem a evoluir e adaptar-se às necessidades das crianças se estas as mantiverem em diferentes fases do seu desenvolvimento (Ferreira, 2008). Raquel começa por recorrer ao amigo imaginário para brincar, principal ocupação de qualquer criança de três anos, principalmente a coisas que implicam uma companhia que nem sempre têm ou que pode nem sempre querer brincar ao mesmo que ela, pois a própria ter gostos muito diferentes das outras crianças. Ao crescer e tornar-se mais consciente do mundo à sua volta e das dinâmicas relacionais, passa a procurar o amigo imaginário também como confidente, confiando-lhe os seus maiores segredos e socorrendo-se dele como apoio à mentalização, no sentido em que são as conversas com o amigo imaginário, as verbalizações dos conteúdos e as diferentes perspetivas apresentadas por ele que lhe permitem elaborar esses mesmo conteúdos, chegando mesmo a afirmar que Sérgio é o único a conseguir chama-la à razão.

Podemos perceber então que, tal como afirmam Hart e Zellars (2006): “Brincar com um amigo imaginário proporciona à criança um método para processar eventos ou pessoas

interessantes ou significativas, reduzir a ansiedade e lidar com as dificuldades da vida” (p.14), sendo que esta conseguirá então abdicar do seu amigo imaginário, nos seus próprios termos, quando desenvolver amizades reais satisfatórias ou quando conseguir elaborar e ultrapassar esses sentimentos de perda (Benson & Pryor, 1973; Jalongo, 1984 cit por Seiffge-Krenke, 1997), não havendo por isso angustias associadas ao seu desaparecimento e chegando mesmo este a passar despercebido.

A criança criadora

Relativamente ao seu aparecimento, os amigos imaginários surgiram na vida das participantes entre os 3 e os 10 anos, encontrando-se assim dentro do esperado (Sperling, 1954; Nagera, 1969; Taylor & Mannering, 2006; Majors, 2013). Quanto ao desaparecimento, Sofia perdeu o amigo imaginário no primeiro momento descrito por Harvey (1918, cit por Nagera, 1969), em três dos casos os amigos imaginários acabaram por desaparecer no segundo momento descrito. De notar que Joana apenas abdicou do amigo imaginário com 14 anos e que Raquel ainda hoje, com 22 anos, continua a recorrer a ele. Foi possível ainda perceber que em os amigos imaginários tendiam a desaparecer quando as crianças desenvolviam amizades satisfatórias ou quando figuras significativas que estavam ausentes voltavam a sua vida.

No que refere à socialização na infância as narrativas recolhidas permitem perceber que apesar de todas as participantes referirem hoje os amigos como parte essencial das suas vidas, nem sempre assim o foi. Apenas duas das participantes referem a existência de um círculo de amigos quando eram crianças, tornando-se no entanto evidente que estes não eram satisfatórios, uma vez que ambas confiavam no amigo imaginário de um modo que não confiavam nos amigos reais. Joana chega mesmo a demonstrar uma tendência para o isolamento que pode ser resultado de uma insegurança nos vínculos que cria, do medo de se voltar a ligar a alguém que a faça sentir-se segura e de voltar a perder essa pessoa (risco que não corre com o amigo imaginário, depositando por isso nele toda a sua confiança). Podemos então levantar a hipótese de ter sido a relação com o amigo imaginário que permitiu às participantes o treino da socialização, a encenação de diversas situações no contacto com o outro, que sem o amigo imaginário não seria possível, de modo a que ficassem mais confortáveis no contacto com os pares (Bloom, 2008 e Hoff, 2015). Tal levou também a que algumas das participantes passassem a utilizar o amigo imaginário como referência nas suas relações futuras, procurando nas pessoas a sua volta características que reconhecessem desta relação.

Bonne, et al. (1999) referem no seu estudo que os sujeitos que afirmavam terem memórias de amigos imaginários na infância demonstravam maiores níveis de *stress* psicológico

e maiores dificuldades em lidar com conteúdos emocionais. Tal torna-se perceptível nas narrativas recolhidas neste estudo, uma vez que podemos perceber que existem conteúdos emocionais ligados a acontecimentos da infância das participantes que ainda não estão resolvidos e que algumas delas escondem e negam as suas fragilidades emocionais e tudo o que as faça sentirem-se mais expostas. Tal facto torna-se extremamente evidente no caso de Joana que acabou por construir um falso self, um self ideal, apresentando-se como forte, alegre e comunicativa na relação com o outro e chegando mesmo a ficar incomodada quando as pessoas à sua volta, mostrando-se frágeis, a confrontavam com essa parte de si. Ainda hoje admite que guarda muito as coisas para si e entra em “modo atriz”, “se apetece-me chorar, não choro ao pé de ninguém (...) podem estar ali a insistir para eu falar, eu não quero, só falo quando quero” e mesmo quando finalmente se permite “ir a baixo”, se alguém a procura consegue desligar e agir como se nada se passasse, continuando a impedir que os amigos a conheçam verdadeiramente. Também ao se referir a relações amorosas afirma que não gosta de se sentir presa e controlada espelhando o medo que tem de se expor ao outro, de ter de entrar em contacto com as suas fragilidades e deixar que um outro as perceba, de investir emocionalmente em alguém que pode acabar por ir embora, como fizeram com ela no passado.

Em todas as participantes foram notórios baixos níveis de autoestima na infância, mais ou menos evidentes no seu discurso. É perceptível a necessidade que sentiam de agradarem aos outros significativos, empenhando-se no que faziam e envolvendo-se em diversas atividades que permitissem mostrar as suas capacidades e torna-las mais apelativas para que se sentissem suficientemente boas e para que, desta forma, os outros não se fossem embora ou se esquecessem delas. Joana conta que cortava o cabelo às Barbies e as punha de lado por estarem estragadas (podendo este comportamento ser uma descarga agressiva em relação ao pai que apenas lhe dava bonecas, ou mesmo em relação a si por se sentir estragada, não se sentir bonita o suficiente para que o pai, e mais tarde a mãe, ficassem perto dela), bem como se recusava a fazer de mãe porque se sentia incapaz de desempenhar tal papel (mostrando assim um sentimento de inadequação e desconhecimento em relação aos papéis parentais que pode advir da falta de contacto com a mãe e conseqüente falha na identificação). Já em Raquel vai sendo possível perceber que esta necessidade de ser mais e melhor (envolvendo-se em diversas atividades, competindo com o amigo imaginário na escola ou aprendendo a gostar de coisas por que não tem grande interesse, moldando-se à vontade do outro) têm origem nas exigências e expectativas do pai, aos olhos de quem nunca se sentiu suficiente. O facto de Raquel ainda hoje manter o amigo imaginário por perto pode, em parte, ser explicada por esta falta de confiança

que a leva a continuar a ter medo de não ser boa o suficiente para manter as pessoas interessadas e por perto.

Já na idade atual das participantes, foi também possível perceber em todas uma viragem para fora, para o outro, para os pares e para a exploração do mundo, podendo esta ser vista como um mecanismo de defesa em relação às fragilidades internas.

A inquietude surgiu também em várias participantes, tanto na infância como na idade adulta, sendo esta típica de sujeitos que não conseguem elaborar os conteúdos emocionais, servindo os movimentos e as atividades como fuga ao pensamento.

Contexto Familiar

Não foi possível estabelecer qualquer tipo de padrão em relação à criação do amigo imaginário e à constituição do agregado familiar (presença ou ausência de irmão, pais separados, etc.), à semelhança do que aconteceu no estudo realizado por Bonne, Canetti, Bachar, DeNour e Shalev em 1999 com oitocentos e setenta e três estudantes do ensino secundário. É no entanto através das descrições feitas pelas participantes do ambiente familiar em que se inseriam que podemos explorar os estados emocionais em que se encontravam e perceber os sentimentos de solidão e as necessidades indicadas acima, pelo que se torna essencial uma exploração de cada caso.

Aquando da criação do amigo imaginário por Cristiana podem ser identificadas várias situações fontes de angústia. A mãe, que apesar de parecer distante e indisponível (porque andava “muito ocupada” e em quem se percebia a tensão do divórcio eminente), se continuava a preocupar e a trabalhar para manter a relação com a filha ainda que de um modo funcional. O pai que estava ausente, ainda que por um período que agora Cristiana reconhece como curto. O irmão com quem tinha uma relação muito próxima que começava a sair com os amigos deixando Cristiana sozinha. Tudo isto são situações já por si complicadas de compreender para uma criança, sendo agravadas pelo sentimento de falta de apoio que se torna notório ao longo da entrevista, apesar de nunca o ser efetivamente expresso e de ser sempre justificado através da racionalização - que explicam o surgimento do amigo imaginário, a procura de autonomia como modo de proteção e mais tarde a viragem para o exterior e a necessidade de agradar ao outro.

Na narrativa de Joana são evidentes as experiências de perdas significativas e perdas reais. O pai com quem apenas tinha contacto duas vezes por ano e com quem se encontra notoriamente zangada, por considerar que sempre lhe faltou com o que precisava, focando-se apenas nos bens materiais, e de quem decidiu afastar-se quase definitivamente com apenas seis

anos. Apesar de Joana atribuir este afastamento à consciência de que o pai em nada contribuía para o seu desenvolvimento enquanto pessoa poderemos levantar a hipótese de se ter tornado insuportável para esta criança o contacto com a família da parte do pai por ser obrigada a confrontar-se nestes encontros com o tipo de relação que desejava ter, mas a qual lhe faltava no resto do ano. A morte da bisavó, com quem passava a maior parte do tempo e perto de quem se sentia protegida, criaram em Joana um sentimento de desamparo que se torna evidente. Por fim, o facto de a mãe ir trabalhar para o estrangeiro, numa altura em que se encontrava tão frágil com a perda da bisavó e em que, como a própria refere, estava a crescer e começava a precisar de um apoio diferente por parte de uma figura feminina, criaram também em Joana uma zanga, ainda inconsciente, que tenta colmatar procurando identificações através do amigo imaginário. Apesar de ter crescido com os avós e lhes atribuir o mérito da pessoa que se considera hoje estes quase não surgem durante a entrevista, algo que remete para uma falta de proximidade e investimento emocional, bem como para uma idealização dos mesmos.

Raquel nunca afirma que os pais são separados, tornando-se tal facto evidente apenas no decorrer da sua narrativa. É possível perceber que tem uma boa relação com a mãe, apesar de haver por parte de ambas (e mesmo da avó) alguma dificuldade em partilhar e conversar sobre assuntos mais pessoais ou emocionais. Já a relação com o pai começou a piorar assim que Raquel começou a ser capaz de compreender e pensar as coisas à sua volta, tornando-se evidente que ainda hoje procura a sua aprovação em tudo o que faz, e que é esta a fonte dos seus problemas de confiança e da sua procura incessante em se superar a si própria.

Eunice não explora muito as relações familiares, sendo no entanto possível perceber que o pai passava bastante tempo fora de casa e que lhe dizia repetidas vezes que as amigas imaginárias que tinha não eram reais - comportamento que criou alguma distância e que acabou por fazer com que Eunice mantivesse a amiga imaginária em segredo. Já com a mãe passava todos os seus dias antes de iniciar a escola, algo que levou a que desenvolvessem uma relação fusional. Eunice conta que a mãe optou por não a colocar na creche, ao contrário do irmão e que mais tarde, quando entrou para a primária, chegava a ir visita-la nos intervalos, evidência de que este afastamento não foi difícil só para Eunice mas também para a mãe.

Fábia pouco partilha sobre a relação com os pais, ficando no entanto evidente uma carga negativa associada à relação com a mãe, quando afirma que esta deveria ter orgulho nela. A aparente falta de memória de infância pode ser indicadora de um fraco investimento emocional por parte dos pais, o qual influenciou o seu desenvolvimento e a sua relação com os irmãos. Em relação a estes é perceptível um sentimento de ciúme, resultado de se sentir excluída por eles, chegando mesmo a referir que não tinha mais ninguém, uma vez que Fábria afirma que também

não queria a companhia dos irmãos. É ainda notória a inferiorização da irmã mais nova que sempre foi referida como “a outra”, ficando em aberto se esta necessidade se prenderá com o facto de a irmã, apesar de também ser rapariga conseguir desenvolver uma relação com o irmão que Fábria não conseguiu, ou por ter sentido que esta, sendo “menina” e a mais nova, lhe tirava alguma da atenção por parte dos familiares.

Por fim, na narrativa de Sofia apesar de não haver muitas referências aos familiares foi possível perceber que apesar de a relação com a mãe nunca ter sido fácil, esta preocupava-se com Sofia, mimando-a. Já em relação ao pai, parece não ter havido muito contacto durante a infância, sendo notória uma fase em que pensou que o pai não gostava dela, apesar de nunca ter deixado que a imagem que tinha do pai fosse destruída pelas histórias que os irmãos lhe contavam. A irmã foi a principal figura da sua infância, sendo o seu grande apoio e companhia enquanto estava presente é notória ainda alguma zanga por a ter deixado fazendo-a sentir-se abandonada.

Conclusões

Embora tratando-se de um estudo exploratório, não permitindo generalizar as conclusões encontradas, procurou-se contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica subjacente à criação de uma amizade imaginária e do impacto destas relações em quem as desenvolve.

Tal como as amizades reais, as amizades imaginárias são únicas e insubstituíveis, sendo o amigo imaginário criado à imagem das experiências e necessidades da criança. No entanto, foi possível identificar algumas similaridades tanto nas participantes como nos amigos imaginários.

Em relação aos amigos imaginários, foi possível perceber que, numa amostra exclusivamente feminina, estes tendem a ser do sexo masculino e da idade da criança, crescendo com ela caso se prolonguem, e havendo uma tendência para a criação de um único amigo imaginário que desempenha um papel central na vida da criança.

Estes tendem a surgir no sentido de colmatar sentimentos de solidão, resultado de relações sentidas como pouco satisfatórias ou simplesmente inexistentes (em casos de morte ou ausência das figuras significativas para a criança), sendo frequentemente mantidos em segredo. Neste sentido, são lhes atribuídas características que permitem à criança confiar e sentir-se

confortável ao depositar neste amigo as suas angustias e sentimentos negativos, sendo “simpáticos” e “bons ouvintes” os atributos mais frequentes.

Estes tendem então a desaparecer quando a criança desenvolve relações satisfatórias ou recupera as figuras significativas.

Por fim, as crianças que criam amigos imaginários tendem a reportar baixos níveis de autoestima na infância, apresentando mais tarde altos níveis de extroversão.

Limitações e Estudos Futuros

Uma vez que o presente estudo não apresenta uma amostra significativa (primeira limitação), pretendemos apenas explorar os contornos dos amigos imaginários e qual o seu impacto no desenvolvimento de quem os cria, chamando a atenção para a importância da necessidade de estudos futuros que permitam obter uma melhor compreensão deste tema. Seria por isso essencial o aprofundamento desta temática, procurando uma amostra mais significativa e que compreendesse a participação de sujeitos do sexo masculino, a fim de explorar as possíveis diferenças entre os géneros tanto nos amigos imaginários como nas relações desenvolvidas. A presença de ambos os sexos na amostra iria também permitir explorar o que poderá estar na base da escolha do sexo do amigo imaginário.

Uma das dificuldades sentidas na elaboração da entrevista, e mais tarde na sua aplicação, prendeu-se com a necessidade de criar questões que levassem o sujeito a abordar os temas pretendidos mas que permitissem a livre associação de ideias e uma partilha vasta de conteúdos. No entanto, foi possível perceber que os sujeitos se restringiam na informação que partilhavam, algo que pode estar relacionado com a carga emocional que associam ao tema. Estudos que explorassem com mais detalhe as características e personalidades das figuras significativas referidas na entrevista e as comparassem com as caracterizações dos amigos imaginários são essenciais no futuro.

Por se tratar de um estudo feito com base em memórias de infância, recaindo algumas em idades em que as participantes admitem não se recordar, e com um grande conteúdo emocional, as informações recolhidas estão sujeitas a enviesamentos, reformulações e omissões, sendo algumas das informações difíceis de confirmar ou alguns acontecimentos difíceis de situar mesmo para os sujeitos, sendo esta a principal limitação do presente estudo.

Referências

- Bach, S. (1971). Notes on Some Imaginary Companions. *Psychoanalytic Study of the Child*, 26, 159-171.
- Bloom, E. (2008). *The Impact of Imaginary Companions on Social Development*. Tese, Liberty University, Lynchburg, Virginia, Estados Unidos
- Bonne, O., Canetti, L., Bachar, E., De-Nour, A. K., & Shalev, A. (1999). Childhood imaginary companionship and mental health in adolescence. *Child Psychiatry and Human Development*, 29(4), 277-286. doi:10.1023/A:1021345015520
- Bouldin, P., & Pratt, C. (1999). Characteristics of preschool and school-age children with imaginary companions. *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*, 160(4), 397-410. doi: 10.1080/00221329909595553
- Ferreira, M. (2008). "...Porque quando sai de casa fica invisível e eu não sei onde ele está!" Imergindo nos meandros das culturas da infância... Para a desocultação dos amigos imaginários das crianças.... *Interações*, 4(10), 14-38
- Gleason, T. R. (2004). Imaginary companions and peer acceptance. *International Journal of Behavioral Development*, 28(3), 204-209. doi: 10.1080/01650250344000415
- Gleason, T. R., Jarudi, R. N & Cheek, J. M. (2003). Imagination, personality, and imaginary companions. *Social Behavior & Personality: An international journal*, 31(7), 721-738. doi: 10.2224/sbp.2003.31.7.721
- Hart, T., & Zellars, E.E. (2006). When imaginary companions are sources of wisdom. *Encounter: Education for Meaning and Social Justice*, 19(1), 6-15.
- Hoff, E. V. (2005). Imaginary Companions, Creativity, and Self-Image in Middle Childhood. *Creativity Research Journal*, 17(2-3), 167-180. doi: 10.1207/s15326934crj1702&3_4
- Hollway, W. e Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In: Given, Lisa M. ed. *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Sevenoaks, California: Sage, pp. 296–315.
- Hollway, W. e Jefferson, T. (2013). *Doing qualitative research differently: A psychosocial approach* (2ed). London: Sage Publications.
- Klausen, E. H. (2006). Pretend Companions (Imaginary Playmates): The Emergence of a Field. *Journal of Genetic Psychology*, 167(4), 349-364.
- Klein, B. R. (1985). A child's imaginary companion: A transitional self. *Clinical Social Work Journal*, 13(3), 272-282.

- Majors, K. (2013). Children's perceptions of their imaginary companions and the purposes they serve: An exploratory study in the United Kingdom. *Childhood, 20*(4), 550-565. doi: 10.1177/0907568213476899
- McLewin, L. A., & Muller, R. T. (2006). Childhood trauma, imaginary companions, and the development of pathological dissociation. *Aggression and Violent Behavior, 11*(5), 531-545.
- Nagera, H. (1969). The imaginary companion: Its significance for ego development and conflict solution. *The Psychoanalytic Study of the Child, 24*, 165-196.
- Oneto, M. M., Marques, M. E. e Pinheiro C. B. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica, 27*(3), 331-347
- Pearson, D., Rouse, H., Doswell, S., Ainsworth, C., Dawson, O., Simms, K., Edwards, L., & Faulconbirdge, J. (2001). Prevalence of imaginary companions in a normal child population. *Child: Care, Health & Development, 27*(1), 13-22.
- Seiffge-Krenke, I. (1997). Imaginary companions in adolescence: Sign of a deficient or positive development? *Journal Of Adolescence, 20*(2), 137-154. doi:10.1006/jado.1996.0072
- Sperling, O. E. (1954). An Imaginary Companion, Representing a Prestage of the Superego. *Psychoanalytic Study of the Child, 9*, 252-258.
- Taylor, M., Cartwright, B. S., & Carlson, S. M. (1993). A developmental investigation of children's imaginary companions. *Developmental Psychology, 29*(2), 276-285. doi: 10.1037/0012-1649.29.2.276
- Taylor, M. (1999). *Imaginary companions and the children who create them*. New York: Oxford University Press
- Taylor, M., & Mannering, A. M. (2006). Of Hobbes and Harvey: The Imaginary Companions Created by Children and Adults. In A. Göncü & S. Gaskins (Eds.), *Play and development: Evolutionary, sociocultural, and functional perspectives*. (pp. 227-245). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Taylor, M., & Mottweiler, C. M. (2008). Imaginary Companions: Pretending they are real but knowing they are not. *American Journal of Play, 47*-54.

Anexo A

Guião da Entrevista

Entrevista

1. Fale-me um pouco de si
 - Interesses
 - Características
2. Lembra-se de ter um amigo imaginário?
 - Como se chamava?
 - Quando é que apareceu?
 - Conseguia a vê-lo?
 - Como é que ele era?
 - Fisicamente
 - Personalidade
 - Reconhece características suas ou das pessoas a sua volta?
 - Quando/como é que ele aparecia?
 - O que faziam juntos?
 - Estava sempre consigo? Se não, o que fazia longe de si?
 - Alguém sabia desse amigo? Quem? Porquê?
 - O que considera que ele lhe trouxe de bom/mau?
 - De que modo influenciou a sua vida?
 - Quando é que desapareceu?
3. Com quem é que morava na altura?
 - Tem irmãos, viviam consigo?
 - Como eram as relações em casa?
4. Como era quando tinha o amigo imaginário?
 - Interesses
 - Características
 - Escola
 - Social
 - Comportamentos

Anexo B

Entrevistas

Cristiana

E – Gostava que começasses por me dizer o teu nome, que idade tens e que te descrevesse um bocadinho.

Cristiana – Então, eu sou a Cristiana, tenho 18 anos, vou fazer 19... Eu sou uma pessoa bastante extrovertida, bastante aplicada ao que gosto, aos estudos, ao futuro... Sou uma pessoa bastante aventureira, adoro viajar e quero passar a minha vida pelo mundo inteiro... Mais... Sou uma pessoa bastante forte a nível emocional, consigo aguentar bastantes coisas emocionalmente e... acho que é isso...

E – Agora, tu lembras-te de ter um amigo imaginário certo?

Cristiana – Sim

E – Como é que ele se chamava?

Cristiana – Não tinha nome.

E – Não tinha nome, ok. Tens uma ideia, mais ou menos, de quando é que ele apareceu?

Cristiana – Eu tenho ideia que era mais ou menos com os meus 8, 10 anos, por essa altura.

E - Consegues associar alguma coisa que tenha acontecido na tua vida á altura em que ele apareceu?

Cristiana – Eu acho que o aparecimento desse amigo esteve muito relacionado com o meu pai ir viver, foi uma altura em que o meu pai foi viver para o estrangeiro durante 6 meses... Pouco tempo agora, mas na altura era bastante... E foi também uma... portanto eu tinha 8, 10 anos, o meu irmão tem mais 4 anos, portanto ele tinha mais ou menos 14 anos, no máximo das hipóteses e pronto, era uma altura em que, nos sempre fomos muito unidos e foi uma altura em que ele começou a ter os amigos dele, a sair... E eu era mais nova e não saía, comecei a sentir-me um bocado mais afastada, sozinha acho que é como eu me consigo relacionar com essa... estive a pensar no assunto e acho que foi mais isso...

E – ok, tu tinhas uma ideia física dele? Tu conseguias vê-lo?

Cristiana – Não, não, não... Eu só pensava para mim... Falar com alguém, por exemplo... Assim um exemplo estúpido... Por exemplo... Brincar as bonecas. Brincava e... Às bonecas não que eu não jogava muito as bonecas, mas... por exemplo... Andar de *skate*, eu andava de skate e fingia que tinha outra pessoa comigo e... como se fosse o meu irmão, basicamente uma

substituição do meu irmão e... Olha o que eu consegui fazer um truque novo! E pronto, era mais isso...

E – Como é que ele era em termos de personalidade? Tinhas uma personalidade definida para ele?

Cristiana – Eu tinha... Eu tinha a noção... O que eu me lembro, lembro-me muito pouco porque também o tive durante muito pouco tempo, não me recordo de o ter durante muito tempo mas... Tinha noção que ele era nórdico... Ou norueguês, ou dinamarquês... Russo... Uma coisa qualquer assim... E acho que era uma pessoa bastante sóbria, bastante seria... Eu acho que era mais a minha consciência... Era uma consciência que quando eu fazia asneira tinha sempre uma vozinha, ah não faças isso, não faças isso... Era um amigo muito... Era o amigo água, era um amigo muito serio, muito... Pronto, não me lembro de ser assim uma pessoa... Uma pessoa entre aspas. Muito... Assim maluca, ou brincalhona... Acho que era a parte mais velha de mim, a parte mais velha de mim e era um homem, o que era engraçado, era um rapaz.

E – Tu reconheces nele características, neste caso do teu irmão ou assim?

Cristiana – O facto de eu achar que era nórdico, suponho que na altura achava que era loiro... E o meu irmão era mais o menos loiro e olhos azuis, não sei se isso pode ser uma parecença... E o facto de ser um rapaz também.

E – Ele aparecia só quando tu estavas a brincar, a fazer alguma coisa em que precisavas de companhia ou tu tinhas mais ou menos uma ideia dele sempre contigo?

Cristiana – Não... Por exemplo... A minha mãe fala muito sozinha e eu acho que tirei isso dela, porque eu as vezes também falo muito sozinha, por exemplo a estudar e isso tudo... E eu era mais por exemplo, quando precisava de uma opinião... É que eu recorreria a... Um subconsciente meu para ter uma opinião diferente, ou igual, mas ter outra opinião em relação a mim, por exemplo... Se eu me ia arranjar, ia para uma festa de anos de uma amiga e antes de sair de casa olhava para o espelho e via “oh amigo, achas que eu estou gira ou não?” era desse género.

E – Alguém sabia que tu tinhas este amigo?

Cristiana – Eu nunca contei a ninguém mas, tinha bem, tenho bem noção que a minha mãe descobriu... Notou eventualmente, que eu falava sozinha... Acho que sim... De vez em quando entrava no meu quarto e estava eu a dançar por todo o lado portanto acho que ela percebeu...

E – Que se passava ali qualquer coisa...

Cristiana – Sim, acho que foi isso...

E – O que é que achas que ele te trouxe de mais positivo e de menos positivo?

Cristiana – De mais positivo... De mais positivo acho que foi... Acho que aprendi bastante a estar sozinha, a estar sozinha comigo mesma... Eu sempre fui uma pessoa que dependia muito da presença de outras pessoas... Eu tive um cão... Foi na mesma altura, morreu na mesma altura, tinha dois cães que morreram na mesma altura... E estava sempre com eles desde que tinha nascido... Ou tinha a minha mãe, ou o meu irmão... Sempre alguém... E acho que foi nessa altura que deixei de ficar tanto com o meu irmão, que os meus cães morreram, que a minha mãe estava mais ocupada, porque estava a cuidar de dois filhos sozinha durante aqueles meses... Mas acho que foi mais o estar sozinha comigo mesma... E eu hoje consigo estar, safar-me bastante sozinha... E de negativo... De negativo não sei, acho que é bastante indiferente... Não acho que sou uma pessoa maluquinha

E – Geralmente o medo das pessoas é esse... De que maneira é que achas que ele influenciou a tua vida e a pessoa que és hoje, se é que achas que houve assim alguma marca que ele deixou...

Cristiana – Acho que... Eu acho mesmo piamente que era o meu subconsciente mais serio, a minha parte mais adulta... E acho que foi isso que me deu... Deu-me... Eu sempre fui uma pessoa muito extrovertida, muito brincalhona e quando eu era mais nova... eu... passei por muito ao nível de *bullying* e dessas coisas todas... Porque eu era modelo e fazia desporto de competição então todas as raparigas e isso tudo detestavam-me obviamente... e... e então eu acho que foi mais essa parte, eu não media as coisas... sempre fui muito brincalhona e... por outro lado nunca vi o mal nas pessoas, nunca vi as coisas negativas da vida e as consequências negativas que as coisas podiam ter e acho que essa foi a minha parte... ajudou-me a crescer e eu acho mesmo que era o eu subconsciente assim mais adulto e mais responsável de “vah, não vamos fazer isso se não vai dar asneira”

E – quando é que ele desapareceu? Ou ainda hoje....

Cristiana – Não sei... Não notei assim uma diferença... Sei que foi durante muito pouco tempo e depois o meu pai voltou... Acho que não...

E – Ok, então agora gostava que me falasses um bocadinho de como eram as coisas em casa nessa altura, vivias com a tua mãe e o teu irmão...

Cristiana – Então... Eu sempre vivi com os meus pais e o meu irmão, os meus pais ainda estão juntos, sempre estiveram... Esses 6 meses foi uma época um bocado chata por que o meu pai...

Foi uma altura em que nós vivíamos em Portugal e o meu pai foi viver para M, que é de onde eu sou, eu sou de M. E ele foi para lá viver durante 6 meses e foi uma altura um pouco chata no relacionamento dos meus pais... Podia haver uma possível separação... Portanto eu acho que isso também foi uma possível influência... Sempre vivi com o meu irmão... Até há 3 anos... Há três anos fui viver para M, fui viver com o meu pai... Portanto o meu pai depois voltou, esteve cá mais não sei quantos anos, depois foi para lá um ano e depois eu e a minha mãe fomos no ano a seguir. Eu voltei agora e só agora é que voltei a viver com o meu irmão e a coisa não esta a resultar muito bem... Mas nós sempre nos demos muito bem e pronto, e sempre vivi com eles três e com quem, sempre com animais por todo o lado.

E – Essas dificuldades que tu falas na relação dos teus pais, tu deste conta disso na altura ou é uma coisa que tu te foste dando conta depois?

Cristiana – Dei, dei, dei, dei conta, quer eu quer o meu irmão... Via-se na minha mãe... Tenho algumas imagens bastante marcantes disso...

E – ok... Agora para terminar gostava que me falasses de ti nessa altura, entre os 8 e os 10 anos

Cristiana – Então, tal como eu disse eu era modelo, era... Fazia competição, fazia equitação. Quer dizer, aí ainda não fazia competição, foi pelos 11, mas pronto, fazia desporto a sério. Na escola, era vítima de *bullying*, não tinha amigos. Não tinha amigos na escola. E era bullying do género, todos os dias a minha mãe contava, via as novas feridas que eu tinha... Era assim... E com os, os processos na escola, a escola não fazia nada... E era assim... Era mesmo grave... Batiam-me, contavam a quantidade de chapadas que me davam... Eu era muito pequenina... Ainda sou mas, agora já me consigo defender. Mas eu na altura era muito baixinha... E fazia tudo... Agora já não faço tudo mas na altura fazia tudo, tocava instrumentos, fazia desporto, era modelo, estudava e tinha boas notas... Pronto... Portanto é normal que as crianças são mais sensíveis a esse nível e não consigam... Medir... E pronto, não tinha grande fama na escola não...

Joana

E – Gostava que começasses por me dizer o teu nome, a tua idade, que me falasses dos teus principais interesses e que te descrevesse um bocadinho.

Joana – Sou a Joana, tenho 20 anos... Eu desde muito nova que canto, tenho uma grande paixão pela música. Quando era mais nova adorava continuar nesse ramo só que depois apareceu a psicologia, mas continuo a mesma. Cantei o fado, a dois anos é que parei... Adoro sair com os meus amigos. Não sou muito ligada a estar em casa, não consigo, sufoca-me imenso... Mais... Coisas que eu gosto de fazer... É isso, gosto de sair, qualquer coisa relacionado com música, dançar e tudo mais. Não gosto de ir por exemplo beber café, estar muito tempo parada. Não consigo estar parada. Não consigo estar num espaço, fechado ainda por cima, bué tempo. Aulas então, passo-me, só se for bué interessante. É isso mais ou menos... Tudo relacionado com a música... Gosto de ler. Quando gosto do livro, agora quando me obrigam... Não gosto nada, quando me obrigam a fazer coisas eu detesto! Mesmo que goste, detesto, é mesmo meu. Ah... Mais, adoro estar com os meus amigos mesmo, sou bué ligada aos meus amigos. Quando crio bué amizade com alguém, é bué difícil de... depois quando... Normalmente não perco não é, se não para isso não é grandes amizades não é. Mas se perder alguém bué importante para mim fico assim um bocado em baixo mas tenho bué facilidade em recuperar, esqueço bué depressa, mas o primeiro dia ou assim, isso é demasiado...

E – Custa...

Joana – É... Depois, sou demasiadamente teimosa, demasiadamente, até a mim às vezes me irrita... Sou bué liberal, por exemplo, em relação a relacionamentos vah, vamos pensar assim, nunca tive nada sério com ninguém, detesto, detesto sentir-me presa a alguém, aquele facto de ter de estar sempre a dizer com quem é que estou, onde estou, ah vou sair sozinha, não podes, detesto isso. Podem-me dizer, ah não sei que, podes encontrar uma pessoa que não seja assim, pode não ser assim ao início mas depois vai ser, que eu sei, vai ser sempre assim. Pronto, em relação ao explicar mais ou menos essa minha parte. Teimosa, tenho sempre as ideias fixas e tenho sempre a mania que tenho razão. Mas sei perceber quando a pessoa tem razão. Mas esquece, para mim, até fico bué triste de não ter razão, sou bué assim. Mais... Mais coisas sobre mim... Ah, em relação a amizades eu sou... Não é para me gabar mas sou das melhores pessoas que se pode ter como amiga. Como amiga eu dou tudo, o que posso e o que não posso aos meus amigos, estou la sempre para tudo. Mas não me façam nada, porque eu passo-me

completamente. A primeira coisa que me façam assim de mesmo grave eu consigo com que essa pessoa que tem uma amizade comigo, imagina, a 10 anos, torne-se uma pessoa que eu conheci no dia anterior. Que eu sou bué... Sou bué assim, como é que eu ei de dizer... Sinto bué as cenas. Sou bué, não é revoltada, há uma palavra para isso... É bué... Aquelas pessoas que... Bué rancorosa, não é bem... Mais ou menos... Guardo bué para mim, as cenas... Ah e detesto ficar... Entro em modo atriz. Por exemplo se estou muito mal não o quero demonstrar, se apetece-me chorar esquece, não choro ao pé de ninguém, guardo bué para mim as coisas e... E as pessoas podem estar ali a insistir para eu falar eu não quero, eu só falo quando eu quero, sou bué assim. Detesto quando insistem, é a pior coisa do mundo...

E – Mas depois consegues deixar-te ir a baixo quando estas sozinha?

Joana – Sim , e vou mesmo. É das coisas, as piores coisas... Os piores momentos que eu tenho é, estou sozinha, penso bué nas coisas, esquece, vou-me mesmo a baixo... Mas consigo-me levantar bué rabido, tipo se tiver alguém... Imagina estou em casa, um amigo, uma amiga minha ou um amigo meu diz que vem ter comigo, esquece, desligo logo, sou bué assim. Sou mais ou menos... É isto mais ou menos...

E – Ok, agora gostava que me falasses um bocadinho do teu amigo imaginário.

Joana – É assim, eu não sei muito bem quando é que ele começou, nem quando é que ele acabou mas sei que... Lembro-me de episódios, de eu quando ia a casa de banho, era sempre só na casa de banho. Eu, se calhar é esta cena que eu tenho de não gostar de estar sozinha. Então mesmo para ir a casa de banho tinha de ter alguém. Então falava, brincava, às vezes levava brinquedos para brincar com ele... Mas falava bué... E desabafava, tipo criava aquela coisa de psicólogo mas ao contrario, não era eu, era ele, ele é que me ouvia coitado, depois não falava... eu falava mesmo bué com ele, situações da minha vida, que eu passava... Era o meu psicólogo, mais isso. E às vezes, quando estava nos meus dias positivos brincava com ele, era assim.

E – com que idade é que te lembras dele?

Joana – Ai... eu devia ter para ai uns 7, 8 anos... Foi para ai desde que a minha bisa-avó morreu. Eu era muito ligada a ela, mesmo... Foi, deve ter sido mais ou menos assim nessa altura... Depois quando acabou isso é que eu não sei, até onde é que foi... Devia ter para ai... Mesmo até tarde... 13, 14 anos...

E – Ele tinha um nome?

Joana – Não, não tinha nome.

E – E tu tinhas uma ideia física dele?

Joana – Era um rapaz. Era um rapaz, porque eu sempre me dei mais com rapazes do que com raparigas. Era um rapaz... Mas a agora assim como é que ele era mesmo não sei, não sei explicar...

E – E em termos de personalidade, conseguias atribuir-lhe uma personalidade?

Joana – Ele era calado... Era mais aquela coisa de o meu psicólogo como já disse... E... Às vezes ele falava comigo... Às vezes ele respondia-me a coisas que até eu próprias já sabia a resposta a isso. Eu própria já sabia a resposta mas queria que alguém me dissesse que eu estava certa, essa coisa de ter de estar sempre certa. A personalidade... Ele era amigo, para mim era o meu melhor amigo naquela altura.

E – E ele tinha tendência para concordar contigo ou...

Joana – Sempre

E – Concordava sempre contigo

Joana – Tinha de concordar!

E – Consegues reconhecer essas características em alguém a tua volta?

Joana – Sim, a minha melhor amiga

E – Ok, e vocês conhecem-se a quanto tempo?

Joana – Se eu te disser a quanto tempo eu a conheço vai parecer ridículo, eu conheço-a desde Abril e parece que eu já a conheço a anos. E tenho uma amiga que já conheço a anos e não se compara a nada.

E – São coisas que as pessoas sentem... Ele estava sempre contigo quando tu ias a casa de banho ou tu tinhas de chama-lo ou assim?

Joana – Estava sempre, estava sempre lá

E – Estava sempre lá a tua espera. E tu tinhas uma ideia do que é que ele estava a fazer quando tu não estavas na casa de banho?

Joana – Não, não pensava nisso.

E – Não pensavas nisso, ok. Alguém sabia que tu tinhas este amigo?

Joana – Às vezes a minha avó passava e via-me a falar sozinha mas pronto, crianças tem sempre aquele amigo imaginário então ela não dizia nada... E a minha mãe, a minha mãe também. Elas

sabiam não é e pensavam, ah coitadinha é uma criança, tem um amigo imaginário. A minha mãe também como teve, compreendeu, é uma coisa de família.

E – está certo. Que influência é que ele teve na pessoa que és hoje? O que é que achas que ele te trouxe de mais positivo e de menos positivo?

Joana – É assim, ele deu-me muito mais liberdade de falar com as pessoas... Porque era com quem eu falava, como eu já disse eu era muito reservada... Ainda às vezes não quero falar... Por exemplo tu és uma pessoa, estas aqui e eu... É um bocado, custa-me um bocado falar... Nos meus assuntos pessoais... Mas com ele era... Era assim, eu entrava lá e falava e pronto. E ele faz com que eu... Vah... Mais também quando a minha melhor amiga apareceu, ai era uma pessoa mesmo e já tenho mais á vontade... Ele deu-me liberdade para isso, para eu conseguir falar com alguém e falar como estou a sentir neste momento, ser mais verdadeira com os meus sentimentos. É isso... De negativo... Maluquinha acho eu... Mas era só isso.

E – Ok, agora gostava que me falasses um bocadinho de como é que era a tua família nessa altura, tu vivias com a tua avó?

Joana – Eu vivo com os meus avós. A minha mãe foi-se embora quando a minha bisa-avó morreu, ela foi para França, está lá neste momento. Fiquei sensivelmente 6 anos... Sem ver a minha mãe, porque ela teve de organizar a vida dela lá, até aos meus 14 anos... Sim, a minha mãe foi-se embora quando eu tinha 7 mais ou menos, 6 anos... Depois fui lá ter com ela... Passei o natal se não me engano, ou foi as férias de verão já não me lembro. E então a partir daí e até essa fase se calhar foi, por exemplo, como eu já disse a partir dos meus 7 anos até ai aos 13 foi quando eu tinha aquele amigo imaginário, foi quando eu se calhar precisei de alguém para falar. Não queria... Não queria dizer que a minha mãe fosse com quem eu falasse mais facilmente, porque não era, era mesmo a minha avó, a minha avó sempre disse, a minha bisa-avó, sempre foi aquela pessoa que estava ali sempre presentes. Porque... Ela tinha um problema, de saúde, e ela estava sempre no quarto e eu estava sempre com ela, sempre. Eu e as minhas amigas estávamos sempre ali com ela a brincar, tinha de ser ali ao pé dela porque eu sentia-me protegida de facto, com ela. A minha mãe foi-se embora... Quando ela... Quando ela m... Faleceu... Depois... A minha avó, eu sempre vivi com os meus avós, a minha avó teve um problema de saúde, a minha mãe voltou, ficou cá dois... três anos para ai, foi-se embora agora outra vez... Ah... Mas se calhar eu a partir daí, por causa deste problema de... Pronto, o “problema” vah, de não ter a minha mãe presente, se calhar foi na altura que eu mais precisava dela, dos meus 7 anos aos 14 foi quando eu comecei a descobrir o que é que era ser mulher e

precisava de alguém... Tinha a minha avó mas não era a mesma coisa, por isso é que existe essas faixas etárias próximas umas às outras. E... Acho que foi mesmo por causa disso, eu precisava de alguém para falar dos meus problemas e não queria falar diretamente com a minha avó porque eu não queria que se sentisse, sei lá... Que se sentisse... Porque eu pensava assim, ah agora vou falar com a minha avó que sinto falta da minha mãe ela vai se sentir mal... Pensava eu, ela não ia fazer isso não é. Quer dizer, acho eu, não sei o que é que vai na cabeça das pessoas mas acho que não... Ia pensar coitada, precisa da mãe como é obvio, não sei que... só que eu sentia-me mal a falar com ela então falava com o meu amigo imaginário sobre isso. E também porque eu, eu sou filha de mãe solteira, o meu pai a partir... Quando a minha mãe estava grávida deixou-a... Eu falava sobre isso, com o meu amigo imaginário. Tudo, os assuntos com o meu pai, não sei quê... Era sempre aquele que eu desabafava mais sobre essas partes, fez com que eu tivesse um amigo imaginário... Se calhar, não sei se foi por me dar mais com rapazes ou por precisar de um pai que criei, talvez, um amigo imaginário homem.

E – um rapaz em vez de uma rapariga... Tu ias tendo contacto com o teu pai?

Joana – Até aos meus 6 anos eu passava o Natal e às vezes o meu aniversário com a família do meu pai. A partir dos meus 6 anos disse mesmo a minha mãe, tinha 6 anos apenas, a minha mãe diz que se lembra perfeitamente deste dia, cheguei ao pé dela e disse: mãe, eu não, eu não, eu não como bonecos, eu não vivo de bonecos. E o meu pai só me dava isso, o meu pai nunca me deu dinheiro na vida, nem nunca me deu nada que precisasse. Então não quero passar mais o natal com eles porque não são eles a minha família, não são eles que cuidam de mim, não são eles. Então eu disse a minha mãe que não queria mais. A partir daí se vi o meu pai duas ou três vezes foi muito. Porque eu não queria, a minha mãe sempre deixou bem claro que se eu quisesse eu ia, ela não me prendia para nada. Mas até aí eu não... a partir daí não quis, não quis mesmo. E não me arrependo, nada mesmo, nada mesmo.

E – Pronto, agora para terminar gostava que me falasses um bocadinho de ti na altura em que tiveste o amigo imaginário. Como é que tu eras na escola, com os teus amigos...

Joana – Eu sempre... Eu por acaso sempre fui a mesma pessoa. Claro né, era criança tinha as minhas coisas mas sempre fui muito dada, consigo arranjar amizades assim facilmente. Porque eu falo com as pessoas crio logo amizades. Por exemplo... Não sou daquelas acanhadas, ah não sei quê, não fales para mim, tenho bué vergonha... Não, falo, se a pessoa não quiser falar comigo é com ela mas eu falo com as pessoas. Sempre fui assim, sempre tive montes de amigos, sempre. Não me queixo de nada disso. Tenho amigos que eu falo com eles e eles são meus

amigos a 14 anos e falamos como se estivéssemos ainda na creche ou assim. Eu na altura era... era... Apesar de tudo o que eu passei eu nunca me levei por isso, nunca me fiz de coitadinha, era sempre... Mesmo alegre era sempre eu que puxava os outros para cima. Por exemplo eles aleijavam-se, era sempre opah não chores, por favor... faz-te um homem ou uma mulher. Era sempre assim... Porque eu acho... Porque eu sempre, desde pequena sempre achei que... Pensei sempre ah não vou-lhes dar o... não vou-lhes dar o trofeu e dizer ah estou muito mal por causa de ti! Sempre pensei assim: o teu pai tem de te ver como uma mulher alegre para a vida! Ponto. Sempre pensei assim desde mesmo muito pequena. Ah... Mesmo... Às vezes até me irritava, as vezes quando vejo vídeos, bué brincalhona, não estou parada. Nunca, mesmo agora nunca estou parada um segundo, as vezes até mete raiva. E bué faladora como se pode ver, não me calo um bocadinho as vezes. Às vezes até eu penso epah cala-te, estou farta de te ouvir! Mas esquece, não me calo um bocadinho... Desde pequena que sempre fui assim, bué faladora. Mas sempre, na escola sempre fui boa aluna e sempre me apliquei. Porque eu sempre desde pequena quis mostrar, como eu estava a dizer, quis mostrar, aquilo que eles não me deram, a mulher que eles não me fizeram. Foi a minha mãe e os meus avós que, pronto, é isto que está aqui, foram eles. Não foram... Eu sempre fui assim. Até uma altura que eu disse, epah, não vais estar a pensar no que é que os outros vão-te ver mas sim o que é que tu sentes e o que tu queres para ti. Não o que é que os outros vão ver em ti. Mas até uma altura era sempre, eu tenho de mostrar aos outros, não para mim. É isso.

E – e que tipo de coisas é que tu gostavas de fazer?

Joana – como assim, profissionalmente?

E – Não, nessa altura, o que é que gostavas de brincar, gostavas de pintar, de brincar com as bonecas...

Joana – Pintar esquece... Eu queria... Naqueles livros de pintar eu queria era ligar os pontinhos, que havia aquela parte. Pintar nunca gostei, noa achava muita piada áquilo. E se eu pintasse, uma coisa que eu reparei em mim era sempre cores escuras, nunca cores claras. Isso ás vezes quer dizer muito também... Brincar... Brincava bué com os rapazes, jogava a bola, brincava com os carrinhos e às vezes lá ia brincar às casinhas mas tinha de ser sempre a filha, nunca queria ser a mãe, dizia que não tinha jeito para isso. Barbies... Barbies eu não era muito de brincar às barbies, fazia mais de cabeleireira delas. Cortava-lhes o cabelo, depois esperava que crescesse, aquilo não crescia, deitava fora. Queria deitar fora a boneca a minha mãe é que não

deixava, mas eu dizia que estava estragada e não lhe crescia o cabelo. Era assim mais ou menos, não era muito de brincar as barbies tipo casinhas e assim, não, nunca fui muito assim.

E – Pronto, obrigada.

Raquel

E – Gostava que começassem por me dizer o teu nome, a tua idade.

Raquel – Raquel, tenho 22 anos.

E – E lembras-te de ter algum amigo imaginário?

Raquel – Lembro-me

E – e como é que ele se chamava?

Raquel – Sérgio

E – Fala-me um bocadinho sobre ele

Raquel – Então... o Sérgio era um ano mais novo... mais velho que eu... era assim um rapaz bétinho... moreno mas de olhos verdes... acho que isso era por causa de ser a minha pancada dos rapazes, era os rapazes que eu achava mais bonitos então acho que via no Sérgio... Não era só o amigo perfeito, vah.... Era o namorado perfeito... Não sei mais... Ia comigo para todo o lado... e pronto... eu não era muito bem entendida em relação a ele.

E – em que altura é que ele apareceu?

Raquel – eu tenho algumas recordações para ai desde os 4 anos... porque eu entrei no infantário, na pré-primária, aos 3 anos e quase quatro, então... foi quando eu percebi que... Eu compreendia que os adultos não me percebiam em relação ao Sérgio, mas depois foi na pré-primária que eu percebi que as crianças também não percebiam... então havia ali qualquer coisa que não estava a correr bem... porque para mim ele não... agora, se eu pensar nisso, eu acho que não o via como um amigo imaginário até entrar na pré-primária, e depois é que eu comecei a “ah ok, então pronto, é um amigo imaginário, porque ninguém o vê, não faz sentido”. Houve ai um momento que eu pensava, era uma fantasia, que só os adultos é que não o viam mas as crianças sim.

E – Então tinhas uma imagem bastante clara do Sérgio na altura...

Raquel – Sim, sim, roupa e tudo.

E – E como é que ele era em relação a personalidade?

Raquel – Ele era um bocado teimoso e nunca nada podia ser feito de uma forma diferente aquela que ele queria... Depois... Mas era super simpático, sempre que os meus amigos vinham cá a

casa, na minha ideia não é, ele nunca chateava, nunca se punha... Apesar de ser teimoso... Ele podia querer ficar no quarto sozinho mas não, ai deixava-me estar. Era teimoso mas era simpático, era gentil. Depois era muito ouvinte, claro, foi para isso que eu o usei... Não contava nada a ninguém, era muito bom a guardar segredos e... Não sei mais... oque em relação a personalidade... Ele era muito alegre... Pronto...

E – Tu consegues associar características que tu reconhecias no Sérgio nas pessoas a tua volta?

Raquel – Não, era mais era comigo. As características dele são aquelas que eu acho que em mim, em criança e agora, tanto faz, se veem melhor, ou que se veem mais facilmente.

E – ok... Quando e como é que ele te aparecia nessa altura?

Raquel – Ele não me aparecia assim de repente, tipo alucinação... Ele para mim estava sempre presente, eu estava sempre a vê-lo, nem que fosse no canto da sala ele estava sempre presente. Ou então eu estava a imagina-lo noutra divisão. Mas eu estava sempre a vê-lo, fisicamente, ou seja, mesmo a minha frente ou então sabia que ele estava noutra divisão mas estava a ver a imagem dele, do que ele estava a fazer, a ver televisão, a ler um livro, eu continuava a vê-lo.

E – ok, portanto o Sérgio estava sempre perto, não chegava a ter uma vida longe de ti.

Raquel – Não, não. Isso não.

E – E onde é que tu imaginavas que ele dormia?

Raquel – Eu obriguei a minha mãe a comprar uma cama com dois colchoes, porque ele tinha de dormir no colchão de baixo. E ela perguntava-me porque de eu querer uma cama de dois colchoes. Porque eu já tinha vivido com o meu pai e tinha um beliche, então eu estava descansada, e aqui não tinha, então foi a única coisa que eu pedi, ou tinha o meu beliche aqui ou então queria uma cama de dois colchoes e pronto, era para o Sérgio. Tanto que eu tinha de fazer ali um esquema maluco cada vez que alguém ia dormir a minha casa porque eu não podia dormir na mesma cama que o Sérgio não é? Então se fosse um rapaz dormiam os dois naquela cama e eu dormia na minha, mas se fosse uma rapariga ela não podia dormir na cama de baixo porque estava lá o Sérgio, então ela tinha de dormir na minha na mesma, ninguém percebi o porque mas estava lá o Sérgio!

E – E que tipo de coisas é que vocês faziam juntos?

Raquel – Eu acho que o Sérgio foi mais... Lá está, a parte ouvinte, essa parte toda. Então era muito profundo, estava sempre com o conselho na ponta da língua! Não sei como, mas estava. Mas depois... Eu não sei até que ponto é que ele já existia, porque dessa idade eu não me lembro

mas ele estava em todas as minhas brincadeiras e eu fazia essas brincadeiras antes. Mas isto já a minha mãe e a minha avó é que me contaram. Porque eu sempre brinquei muito a professores, sempre brinquei muito a consultórios e não sei quê e eu estava sempre a marcar consultas para o Sérgio, o Sérgio estava sempre a precisar de explicações... Essas coisas todas. E eu já fazia isso antes da idade em que eu me lembro do Sérgio. Mas sei que o incluía nisso por exemplo, e jogava Monopólio.

E – Com o Sérgio?

Raquel – Sim, porque eu adorava jogar Monopólio e a minha mãe não me deixava porque achava que era um jogo que não era para a minha idade, porque eu tinha tipo 5 ou 6 anos, no mínimo, no máximo! E então jogava com ele, jogávamos só assim, mexíamos em todas as notas... E ele roubava-me! Era engraçado que ele roubava-me! Mas eu é que estava a jogar, que lindo...

E – Então, já me disseste que a tua mãe sabia do Sérgio, a tua avó sabia do Sérgio, mas sabiam porque se iam dando conta ou tu chegavas mesmo a dizer?

Raquel – Não sei... Não sei se... Quer dizer... O primeiro, não será primeiro contacto mas... O darem conta só Sérgio foi porque eu disse mas eu sei que houve muitas situações em que eu pus o Sérgio a baila, e não deixava muitas coisas acontecerem por causa do Sérgio. Elas sabiam da presença dele para mim, fosse como fosse. E a minha mãe sempre tentou perceber, sempre tentou dialogar comigo mesmo como se ele fosse um amigo que estivesse cá em casa. Não sei se para ver se eu deixava de fazer aquilo ou para eu não me chatear, não sei... E não me lembro, não me lembro de elas alguma vez me terem perguntado o que estava a fazer ou com quem estava a falar... Acho que foi, acho que foi delas, elas deram conta e deixaram isso acontecer.

E – E quem mais é que sabia?

Raquel – Na minha família? Acho que mais ninguém aceitou muito bem a ideia...

E – Mas tinham noção que havia o Sérgio...

Raquel – Ah, eu estava sempre... Estava sempre a mete-lo... Eu punha uma cadeira para ele nos almoços de família, ou um banco... Mas normalmente uma cadeira porque ele não gostava do banco então eu sentava-me no banco. Ou... O carro ir cheio e eu ir no porta bagagens porque o Sérgio não podia ir no porta bagagens porque não gostava de ir muito apertado. O Sérgio era um bocado claustrofóbico. Eu não, eu não sou nada claustrofóbica mas ele era um bocado, não sei porquê... Não sei, há assim várias coisas. E isto em frente a minha família toda, aos meus

amigos, fosse quem fosse. Mas acho que... A minha tia, lembro-me perfeitamente da minha tia me perguntar um milhão de vezes... Acho que já tinha 10 anos então não achavam nada normal eu ainda ter um amigo imaginário. E então ela passou uns tempos a perguntar incessantemente se já não chegava do meu amigo imaginário não é...

E – o que é que achas que o Sérgio te trouxe de mais positivo e de menos positivo?

Raquel – De mais positivo... Acho que as crianças as vezes tem um bocado dificuldade em imaginar-se sozinhas, mesmo que seja numa divisão ou assim qualquer coisa, e eu não tenho tanto esse medo, nunca tive dificuldades em brincar sozinha, em fazer alguma coisa sozinha... Eu vejo muito em relação as minhas afilhadas, é mais por ai... Porque... O que é que ele me trouxe de positivo mais.... Porque eu acho que tem muitas coisas negativas, acho que tem muitas coisas negativas... Mas... Ele trouxe-me de positivo... eu acho que enfrentei certas coisas pelas minhas conversas com ele e, acho que ainda faço isso, acho que ainda hoje há certas dificuldades por mais mínimas que sejam, que eu supostamente falo sozinha mas que eu acho que não estou a falar sozinha, na minha ideia. Agora de negativo, de negativo eu acho que tem muita coisa, porque... Há um número restrito, mas mesmo muito restrito de pessoas que sabem os pormenores da minha vida porque a capacidade do Sérgio guardar segredos eu nunca a vi em ninguém. Então, como eu tinha, como eu tenho o Sérgio a guardar-me os segredos todos, eu não acho que isso vá correr bem com pessoas, com amigos... E depois, também de negativo, há vezes... Eu odeio estar sozinha em casa, então às vezes acho que ele não, ele vai sair e eu não, então fico apavorada de estar em casa. Mas é só as vezes! É uma parvoíce, é só as vezes. Então eu comecei a achar que se calhar há vezes em que não consigo formalizar o Sérgio na minha ideia cá em casa, então fico completamente apavorada da vida...

E – Em que é que sentes que ele influenciou a tua vida?

Raquel – Há uma coisa... Que passa para uma parte muito mais grave da minha vida e que já foi quando eu era muito maior... Eu tinha 17 anos, sim 17 anos, estava no 12º. Eu estava numa relação, supostamente séria há um ano e qualquer coisa, há um ano e bastante já, já tinha passado um ano e meio. E desde os 6 meses que eu era vítima de violência domestica. E... Houve uma vez... E eu falava disto constantemente com o Sérgio. E houve uma vez que... Eu tive de mentir de forma catastrófica a minha mãe para ela acreditar que eu tinha caído, sabe-se lá onde, porque tinha a sobancelha rasgada. E quando cheguei a casa levei um raspanete de todo o tamanho do Sérgio, porque eu tinha de acabar a relação imediatamente. Porque não podia ser, e tinha mentido a minha mãe para encobrir e não podia ser, essas coisas não se encobrem...

Bem mas um raspanete que parecia que estava a ouvir... Pior que o meu pai... E... Eu na altura não me achei minimamente parva por estar a ouvir o amigo imaginário... E acreditei de tal forma naquilo e, convenci... E acho que foi ele que me convenceu, até hoje não acho que fui eu que me convenci, foi ele. E esse foi um dos momentos da minha vida em que passou da parte engraçada, divertida de ter um amigo imaginário e fantasiástica, para me ajudar a sair de uma situação que era drástica e que podia ter tido repercussões muito piores do que as que teve... E... Até hoje, nenhum dos membros da minha família sabe, e o Sérgio sabe, sempre soube...

E – Então, tu ainda hoje recorres ao Sérgio?

Raquel – Ah ainda hoje recorro ao Sérgio milhões de vezes, sim, e continuo a achar... não sei... agora já acho que é um bocado fora do contexto eu ter um amigo imaginário mas... agora dou um bocado de razão a minha tia que já não tenho idade para ter um amigo imaginário mas... eu consigo... eu continuo a ter uma imagem dele, com um ano a mais que eu e tudo, e a roupa e tudo na mesma, não mudou nada... E conforme eu fui crescendo ele vai crescendo também.

E – Apesar de tu já teres consciência que era uma coisa só tua e que até pode ser estranho, continuas-te a apoiar-te muito nele.

Raquel – Ah sim, continuou a fazer todo o sentido, para mim o Sérgio continua a fazer todo o sentido. Ainda há pouco tempo, numa segunda fase dos exames da faculdade foi o Sérgio que me obrigou a ir estudar outra vez, porque eu não queria mais e já estava em pânico, mas estava em pânico, naquele pânico de desistência... E ele não me deixa desistir da segunda fase... E... E eu discuto, sabe-se lá com quem mas eu discuto. E continuo a ter muitas mudanças no meu comportamento e nas minhas opiniões por causa dele.

E – Ok... Já percebi que vivias com a tua mãe, tu és filha única, certo?

Raquel – Sim

E – E como é que eram as coisas em casa nessa altura?

Raquel – A relação com a minha mãe sempre foi pacífica. E ainda por cima ele sempre compreendeu bem todas as minhas fases... Porque eu apesar de tudo, eu... Apesar de ser muito mexida, não era difícil de cuidar e... desde muito cedo que comecei a fazer tudo, e a pedir tudo... E era calma. Então eu só queria que me deixassem, deixem-me brincar e deixem-me estar e isso na minha família sempre foi fácil. Ah... ainda por cima porque sempre me interessei por coisas que as crianças não gostam, livros, outras línguas... Animais mas não animais do zoo, animais estranhos... Sempre gostei de ver essas coisas então, já por si são assuntos que

não são de todas as crianças então eu gostava da minha própria companhia. Depois, a relação com o meu pai não é assim tao fácil... Não... Quando eu era criança em parte era fácil porque as crianças estão sempre contentes com toda a gente ao é, mas... Agora é que eu consigo ver que isso se calhar teve algumas... algumas... alguns efeitos na formação do meu autoconceito e da minha maneira de ser e... Porque é uma pessoa que sempre exigiu muito, então eu nunca me senti completamente... Suficiente. Ou então sim, sentia-me suficiente mas suficiente não era bom. Sim, um bocado por aí. Ah... Então sim, o Sérgio entra muito em relação ao meu pai sem dúvida, sem duvida, porque eu estava constantemente a contar-lhe coisas em relação ao meu pai. E também entra em relação a minha mãe num parâmetro completamente diferente, é que eu nunca tive conversas sérias, conversas... A minha mãe nunca foi uma confidente, ela também tem alguma dificuldade me falar, então ela nunca me transmitiu esse à vontade. A minha avó, apesar de eu não viver com ela passava os dias com ela mas pronto, é como a minha mãe, também não tem assim... Parece à vontade mas depois eu sabia que os assuntos não eram bem assim, então o Sérgio era um bocado essa parte, um refúgio para eu poder conversar.

E – Então agora gostava que me falasses um bocadinho de ti nas fases mais presentes do Sérgio, como é que tu eras em miúda, na escola e assim.

Raquel – Ah sempre fui um máximo na escola! Eu sempre me adorei na escola, porque toda a gente adorava as minhas notas então eu era um máximo não é? Mas... eu só me esforçava tanto... Eu sou super desorganizada, eu nunca tive um caderno nem nada do género. E o Sérgio é muito organizado, ele tinha imensos dossiers. Eu tinha dossiers vazios que supostamente eram do Sérgio. E entretanto quando mudei de casa eu chorei imenso porque não trouxemos os dossiers do Sérgio e ele ficou super chateado e ponderou em ir viver para casa de outra pessoa. Nunca me disse quem, mas era mesmo para me magoar eu nem podia saber quem era. E então... Eu sou super desorganizada e no entanto sempre tive boas notas, então eu achava-me um máximo a triplicar porque era... Eu não tinha nenhum caderno e mesmo assim tinha boas notas e as outras tinham imensos cadernos e aquelas canetas com cores irritantes e essas coisas e no entanto não tinham boas notas. Ah... O Sérgio tinha boas notas, era a única pessoa organizada que eu conhecia e que tinha boas notas, então era um género de competição com ele, que era a única pessoa... Na escola dele ele era um máximo, porque nos andávamos em escolas separadas. Porque não podíamos andas na mesma escola porque íamo-nos distrair muito, pronto, era esta a minha concessão... A minha mãe todos os dias saía uma manhã, ou uma tarde, já não me lembro, para fazer a inscrição dele. Era a gozar não é, claro...

E – Mas a tua mãe dizia-te que era mesmo isso que ela ia fazer?

Raquel – Sim, sim. Mas ia beber um café ou qualquer coisa assim, mas um dia... Era engraçado que a inscrição dele era sempre um dia depois da minha. Mas... Pronto, eu acreditava não é? E então, ela ia fazer a minha inscrição e então depois preparávamos os papéis todos para a inscrição do Sérgio. Como ela trabalha nos Salesianos, ela trazia os papéis de lá, mas fotocopiados, re-fotocopiados, ela punha corretor no símbolo dos Salesianos, que era... Eu nem sabia qual era a escola, mas tudo bem, como eu não via lá o símbolo dos Salesianos por mim estava ótimo, tinha era de ser outra. Tenho assim uns episódios em relação a escola... A escola do Sérgio era super cara, então eu todos os meses, eu tinha uma mesada, então todos os meses tirava... Eu não sei quanto é que tirava, só sei que tirava para ai umas três ou quatro notas e para mim aquilo chegava para a mensalidade, na minha cabeça, quatro ou cinco notas são imensas notas! E então eu dava aquilo a minha mãe, porque eu sabia que a mensalidade do Sérgio era caríssima e o Sérgio não era filho dela, então eu é que estava a tomar conta dele.

E – Muito bem... Então e a nível social como é que tu eras?

Raquel – Eu tinha imensos amigos, porque também participava em muitas atividades. Eu desde os 3 anos que estive envolvida em varias escolas de música e no conservatório, em vários instrumentos, então tinha várias turmas de vários instrumentos, tinha canto, tinha... andei uns meses no judo mas o Sérgio não gostou! Pronto, o Sérgio não gostou, saímos do judo porque o Sérgio não gostava... Ah... Depois... O que é que eu tive mais... Tive dança... Então tinha muitos amigos. Na escola, na escola também tinha imensos... Porque ainda por cima na escola, eu andei nos Salesianos grande parte do meu percurso escolar e então nos Salesianos eles trocam muito as turmas que é para... eu acho que é para as crianças estarem sempre me comunicação com outras e conhecerem e... Então sempre...acho que ali é facilitado essa parte, da comunicação. E eu sempre também gostei de ter imensos amigos...

E – Ok, agora para terminar gostava que me falasses um bocadinho de ti hoje, quais é que são os teus principais interesses, como é que tu te vês na escola hoje em dia e que te descrevesse um bocadinho.

Raquel – Então... Eu, tal como o Sérgio, sou super teimosa. Acho que é a minha característica mais saliente sem dúvida... Acho que sou mais amiga, ele é um bocado egoísta, tipo só se dá comigo, é terrível... Às vezes pressiona-me porque eu tenho outros amigos não é... Não sei... Sou boa ouvinte, acho que isso aprendi com o Sérgio porque sempre tive... Sempre lhe dei imenso valor por ele guardar os meus segredos e então prezo os segredos dos outros. Aí esta outro aspeto positivo que não disse há bocado, pronto, há coisas que eu aprendi a ser que acho

que é por ele... Só pode ter sido por ele, ainda por cima na minha família é terrível guardar segredos portanto... Não foi na minha família que eu aprendi a guardar segredos de certeza... Depois... Sou super estudiosa e gosto imenso de coisas, de assuntos esquisitos... Tenho um bocado a mania que vou salvar o mundo e mudar o mundo todo, portanto nada sonhadora! Super sonhadora, acho que sou uma pessoa muito entusiástica e um bocado fantasiosa, se calhar daí continuar a ter um amigo imaginário... Não sei, sou divertida acho eu, sou alegre... Apesar de... Destas coisas todas não sou nada confiante... Nada... Nem das minhas características. Acho que é isso... Depois... sou interessada e isso as vezes dificulta-me um bocado o caminho porque gosto um bocado de tudo e arranjo sempre uma forma de gostar daquilo... Isso, acho que foi uma coisa que o Sérgio também me ensinou, porque o Sérgio gosta de coisas diferentes de mim, os assuntos que ele gosta não são os mesmos que os meus. Então houve vezes... A minha mãe tinha uma mania de me deixar ir buscar uma coisa que eu quisesse quanto íamos as compras, tipo, compras de casa, compras de comida. E essas grandes superfícies têm livros, tem coisas, então ela deixava-me andar com um até irmos embora. Então eu andava com ele, com o que eu queria, o que eu queria mesmo, durante as compras, e depois pedia para levar um que eu nem sequer gostava, pronto, porque o Sérgio gostava. Então depois eu lia-o, porque tinha-o em casa, tinha de ler os livros dos rapazes. Passei a gostar, pronto. Porque os livros dos rapazes não quer dizer que sejam maus, mas havia coisas... Eu vi... Por exemplo, agora esta a haver uma nova temporada do Dragon Ball e eu fiquei apavorada com a ideia, porque eu vi o Dragon Ball todo mas sempre odiei, sempre odiei, é uma coisa que eu continuo sem gostar, não consigo, é o Dragon Ball, no entanto vi-o todinho. E quase todos os dias a mesma hora dava o Doraemon e eu não via, porque o Sérgio queria ver o Dragon Ball e ele era mais velho e eu tinha de o respeitar... Pronto, então os meus interesses também vieram muito, não só daquilo que eu supostamente gosto mas de... lá esta, da minha fantasia, da minha mente.

Eunice

E – Gostava que começasses por me dizer o teu nome, a tua idade e que me falasses um bocadinho de ti.

Eunice – Eunice , 26 anos, gosto de... Gostava, quando tinha vida própria, gostava de me divertir muito... Sou desorganizada, maluca, responsável. Paradoxo, maluca mas responsável. Sou responsável dentro da minha desorganização. Um bocado sonhadora, um bocado criança de mais para a minha idade, um bocado adulta de mais para a minha idade... Sou assim um meio-termo, pode-se dizer.

E – então, agora gostava que me falasses um bocadinho do teu amigo imaginário.

Eunice – Então, claro que eu só me apercebi que era um amigo imaginário quando cresci não é, porque eu naquela altura achava que era uma companhia para mim. Como é que começou a ser? Ela vivia na minha casa de banho. Era, era muito engraçado porque eu sempre, sempre fui uma miúda muito medrosa. Pequenininha, grande, sempre fui muito medrosa. Então cada vez que eu entrasse na casa de banho, para não ter de estar sozinha eu dava por mim a conversar com alguém. E era sempre a mesma pessoa, a Paula. E depois já perguntava pela mãe dela, pelo pai dela e já... E o teu irmão também é chato como o meu? E o meu irmão é chato? E tudo mais... E... E começou a ser uma companhia para tomar banho, para lavar os dentes, para... Começou inicialmente na casa de banho só que depois passou para fora. Porquê, porque até aos meus... 9 anos, quando eu entrei para o quinto ano, ou seja toda a primária, era muito solitária, não tinha amigos nem nada. Então no intervalo eu brincava com a Paula. E às vezes a minha mãe ficava com pena de mim e ia lá visitar-me na escola e dava por mim a falar sozinha. Eu tinha... A minha mãe já diz que eu antes de entrar para a escola, que eu entrei com cinco mas o meu irmão tinha seis e já ia e eu tinha muito, muitos ciúmes! E ele já vai para a escola e eu não vou e não sei quê... Então eu já tinha amigas, era a Ana Raquel, a Patrícia e... Mas essas nunca foram fixas, a Paula é que era fixa. Porque era a Paula e tinha a mesma idade que eu... E eu naquela altura visualizava não é, tinha, tinha feições e tudo... Agora sou sincera, não me recordo, mas tinha feições e tudo! E eu... É a Paula, é a Paula. E começou a ser um segredo meu porque como eu tinha muitas amigas imaginárias, como eu costumava pensar, e o meu pai estava sempre a dizer “essas pessoas não existem” e “não são!” e tudo mais, a Paula ficou só minha, as outras é que eu contava aos meus pais, antes de entrar para a escola. Depois comecei a ir para a escola, e realmente até tive uma Ana Raquel, pronto, realizou-se, tive uma Ana Raquel, mas

não tive mais. Não tinha, não tinha muitas amizades, não era de ter amigas na escola. E passava os intervalos sozinha... E dava por mim a falar com alguém... Lembras-te daquele jogo, gora falha-me o nome, que nos desenhávamos aqueles quadrados até ao sétimo, até era o céu...

E – A macaca

Eunice – Isso mesmo, o jogo da macaca. Eu até jogava a pedra para ela. Eu jogava a pedra para mim, saltava até lá e depois: Não estas a conseguir? Pegava numa pedra, então vá, agora salta. Era uma coisa que agora acho estranha mas na altura soava bem porque era uma companhia que eu tinha. Tanto que até lhe dei nome, porque podia não ter nome sequer ou podia ser Pantufa, tipo um cão, mas noa, era a Paula porque era uma menina como eu.

E – Portanto a Paula tinha uma família longe de ti, tinha uma família, a casa dela...

Eunice – Tinha a casa dela que era na minha casa de banho, no armário dos medicamentos. Porque eu abria, estás ai Paula? E ela saía. E quando tinha de se ir embora eu abria de novo a porta e ela entrava no armário dos medicamentos e eu fechava a porta.

E – Mas ela uma menina do teu tamanho?

Eunice – Era uma menina como eu, não era nem mais velha nem mais pequena. Era exatamente como eu. Discutíamos temas de escola e tudo! Ela também tinha as aulas dela, não era só eu.

E – E tu lembras-te da Paula só até ao 5º ano ou depois disso?

Eunice – Eu lembro-me da Paula até a altura do quinto não porque... porque... Ocorreram muitas mudanças. Troquei de escola, a minha irmã entretanto também nasceu... E... Tive que crescer. Eu acho que foi mais por ai. Tive de ser uma irmã mais velha, quando naquela altura era a ultima, eramos só dois. Tive de ser uma irmã mais velha. Acho que isso tudo foi uma coisa que eu nem me apercebi, simplesmente ela desapareceu. É que nem quando me diziam “aquilo não é real” para mim era igual. Mas quando eu também tomei consciência de que cresci, ela desapareceu.

E – E tu começas a lembrar-te dela na altura em que entraste para a primária ou tens ideia dela mais pequena.

Eunice – Só tenho recordação dessa altura. Porquê, também é uma coisa verdadeira, eu até aos meus 5 anos não me recordo de nada, nada, só me recordo de fotos, a minha memória é horrível, só me recordo de fotos. Não me lembro nem de episódios que a minha mãe às vezes conta “Lembras-te quando tinhas 3 anos aconteceu isto...” não, “Lembras-te do tio fulano que passou aqui quando tinhas 4...” não. Para mim eu só sou a E desde os 5 anos quando entrei para a

escola, até agora. De resto, daquela fase não me lembro de nada. Se a Paula existia, existia como eu te disse como Ana Raquel, como Patrícia... O meu irmão vinha contar as histórias dele “Oh mãe o meu colega senta-se na minha carteira, o Ricardo”, “Eu também tenho um colega, é o António” e era mentira porque eu nem sequer andava na escola, nem na cresce nem nada, passava os dias com a minha mãe e a minha mãe assim “Mas ela mal sai, como é que tem o António?” não, era tudo da minha cabeça.

E – Ok, e como é que a Paula era em termos de personalidade, como é que tu a descreves?

Eunice – Era muito parecida comigo, era a minha alma gémea. Porque naquela altura eu era um bocadinho introvertida, como constatamos, por não ter colegas na escola na nada... Era um bocadinho introvertida. E eu vi na Paula uma espécie de um espelho meu. Em vez de ser aquela coisa de uma irmã que às vezes discutimos, não, qual quê! Era eu mas em versão... outra pessoa, em versão reflexo. Porque eu via uma menina que era exatamente igual a mim, gostava das mesmas coisas que eu, até de comer as mesmas coisas que eu e tal e... acompanhava-me a tomar banho, a fazer cocó, a lavar os dentes e conversávamos das mesmas coisas e, queríamos as mesmas coisas... Tínhamos os mesmos interesses. E às vezes parecia que nos aconteciam as mesmas coisas mas não... Porque... Era como se... Era muito engraçado por, e na minha cabeça eu ouvia, eu quando estava a contar alguma coisa “Ai é?!”, era um monólogo, mas para mim era um diálogo! “ai é, aconteceu-te isso? Ahh, a mim nunca me aconteceu isso! O teu pai? E depois bateu-te? Ahh se fosse o meu nem sabes o que te faria!”. Era mais por ai. Não era, não era... Não era de todo diferente de mim, tinha uma vida diferente, não é, porque tinha o seu próprio pai, eu não diria que é minha irmã, ou que era minha irmã, que tínhamos a mesma mãe e não sei que, não, não era uma irmã imaginária, não, era mesmo uma amiga imaginária, que tinha um mundo que era dela e eu tinha o meu. Naquela altura também a conversa das crianças não é muito coerente não é, não temos um diálogo muito profundo, de saber o que é que fazer durante o dia e isso, era sempre mais coisas momentâneas “Oh, a sério, fizeste isso?”, “Olha Paula não sabes, hoje sujei os cobertores da minha mãe com isso” “Eh, ah a minha mãe bateu-me” “ E se fosse a ti o que é que o teu pai fazia?” era mais por ai, nem era... Por isso é que eu acho que era muito parecida comigo, porque praticamente os comportamentos eram iguais.

E – De que maneira é que achas que a Paula influenciou a tua vida? O que é que ela te trouxe de mais positivo e de menos positivo...

Eunice – Acho que o mais positivo de tudo era a companhia. Não que me faltasse, porque a minha mãe não trabalhava, estava em casa, o meu irmão ia para a escola mas era só meio

período, fazia-me companhia. Depois entretanto também tive a minha prima que foi para lá viver comigo e não sei quê... Era uma companhia diferente, acho que era mais a nível de compreensão. Era alguém que... como eu já disse era um reflexo de mim, que estava constantemente a concordar comigo mesmo eu achando que não, era alguém que... Que era eu mas que, no corpo de outra pessoa... Acho que toda a vida nos passamos a perguntar, ou a procura de alguém que nos complete de certa forma, mesmo em crianças, e acho que ela me completava, era uma amiga... Agora de negativo acho que nada, porque também não acho que era maluca por ter alguém com quem conversar que os outros não viam. Acho que isso acontece com todas as crianças, simplesmente umas são mais inibidas que as outras e... Talvez se eu não tivesse... Não, trocar de escola tinha de ter trocado porque ia para o quinto ano... Talvez se eu não tivesse socializado, se noa tivesse feito amigos, se a minha irmã não tivesse nascido, se eu não tivesse de ter tido outro tipo de responsabilidades, quem sabe ela não teria perdurado um pouco mais... Por isso não acho que seja uma coisa negativa. Porque noa é por causa dela que eu me isolava, ela era a companha. Eu isolava-me porque... Era eu naquela altura, era assim, tanto que agora sou a queen of the night se for possível, e se com ou sem Paula se for possível, e toda... não é por causa dela e nem ela desapareceu para dar lugar a uma outra E, acho que não, eu é que me tornei outra E ela desapareceu por consequência disso. Como aquele filme, Nanny McPhee, eles precisaram dela enquanto precisaram não é, depois cresceram e tiveram outros tipos de atitudes e ela foi-se embora, acho que foi mais por aí.

E – Em casa não porque parece-me que o teu pai não te dava muito espaço para isso mas na escola tu incluías a Paula só quando estavas sozinha ou nas aulas também?

Eunice – Só quanto estava sozinha. Porque eu já achava que os meus colegas achavam que eu era estranha suficiente, quanto mais essas atitudes, era internada, se não era pela professora era por alguém. Mas nunca tinha problemas em falar com ela atenção, os colegas podiam estar ali naquele banco e eu estar a falar com ela. Mas como eu já achava que era uma pessoa... Materializava a pessoa, nunca achei necessidade de arranjar um lugar extra para ela. Porquê se ela não era da minha turma? Tinha a sua própria sala, a sua própria escola, os seus próprios professores... Não era siamesa comigo. Chegava da escola às vezes, tudo bem, brincávamos no intervalo às vezes, mas chegava da escola e ia a correr a casa de banho a correr “então Paula como é que aconteceu, como é que as tuas aulas foram?”. Isso é a minha perspetiva de agora, nos não tínhamos esse tipo de comportamento porque não eramos da mesma turma.

E – o que ela contava das aulas dela era diferente das tuas?

Eunice – Tinha colegas diferentes. Tinha colegas diferentes, que tinham os mesmos comportamentos que os meus mas tinham nomes diferentes. Por exemplo, lembro-me de um episódio, eu tinha uma colega Joana, que ela tinha o que na altura chamaram a doença da Lua, constantemente era alienava-se imenso, as vezes estava, estavam os colegas a brincar com ela... naqueles dias que escurece muito cedo, ou que a lua custa para desaparecer e fica a lua e o sol... fica assim muito desbotada... ela passava os dias todos a olhar para a lua... De repente desapareceu essa nossa colega, e a professora disse-nos que ela tinha a doença da lua. Duvido, que seja esse o nome ou.. Acho que teve... Arranjou um método para nos explicar que aconteceu qualquer coisa com a nossa colega. E eu lembro-me de chegar a casa e contar à Paula e ela tinha uma colega que lhe aconteceu exatamente a mesma coisa! Não se chamava Joana atenção, não me recordo sequer do nome. Por isso é que eu acho que era um reflexo meu, mas que tinha uma vida...

E – Portanto, tu na altura moravas com a tua mãe, o teu irmão, o teu pai... Como é que eram as coisas lá em casa?

Eunice – O meu pai era atleta, viajava imenso, então eramos praticamente um trio, era eu, a minha mãe e o meu irmão. De repente o meu irmão vai para a creche e fico só eu e a minha mãe. Entre os afazeres de casa, entre... nos eramos também muito coladinhas, eu estava sempre atras dela, fora quando, coitada da mulher me mandava ir brincar, andávamos sempre muito coladinhas. E.. eu passava o tempo sozinha, mas nunca era muito, nunca era muito tempo... Vendo bem, se fosse muito tempo talvez levasse a Paula comigo e não só... Não descobrisse que ela vivia na casa de banho, podia viver no meu quarto ou num outro sitio qualquer. Eu acho que “criei” a Paula quando estava sozinha, quando ia para a casa de banho. Não, não tinha muito tempo de solidão, mas às vezes passávamos muito tempo sozinhos, tipo sem o meu pai. Às vezes sem o meu irmão que ia para a creche. A minha mãe colocou-o só de manhã para poder passar a tarde connosco mas sempre achou que ele precisasse de ir, eu não, não sei porquê, porque eu não fui a creche. Achou que ele precisasse de ir ao jardim-de-infância, ia, só de manhã, acho que era das nove até a uma, que ele ainda almoçava lá, depois vinha para casa, nunca era muito tempo, depois passávamos o resto do dia os três.

E – Ok, então agora para terminar gostava que me falasses um bocadinho de como é que tu eras quando tinhas a Paula.

Eunice – Nunca fui muito de me mexer, exercício físico e essas coisas, esquece. Então jogávamos a macaca, conversávamos imenso, as escondidas “onde é que estás? Ai vou eu!” e

procurava. Era as bonecas, eu tinha imensas nenucos, tenho as duas sentadas, uma numa cadeirinha outra noutra, estou a dar a papinha a uma e olho para a outra “estas a papar? É a Paula? A Paula dá, neste, eu fico com este.” Era mais assim. Mas era raro porque eu não ficava muito tempo sozinha, era mais quando estivesse, sei lá, com os patos na banheira ou uma coisa assim parecida, que ligava o botão Paula. Era mais assim.

E – E quando estavas com a tua mãe em casa que tipo de coisas é que vocês faziam juntas?

Eunice – Cozinhávamos, a minha mãe ensinava-me brincadeiras do tempo dela de menina, contava histórias, cantávamos imenso! Nos tínhamos um quintal naquela altura e íamos para o quintal, apanhar as folhas, varrer... Todos os dias tínhamos uma espécie de uma rotina, apanhar as folhas, varrer, tínhamos um cão, a minha mãe pegava em mim, a frente de casa tínhamos uma espécie de ringue ia ver-me a andar de bicicleta, ficava ali sentadinha a ver-me cair e esfolar o joelho, depois chorava “não quero mais isso!”, depois chegava a hora de ir buscar o mano á escola, íamos as duas buscar o mano á escola, estamos a voltar para casa, estava na hora de fazer o jantar para o pai, o mano estava a estudar, eu não tinha aulas nem professor mas também tinha o meu caderno a fazer os gatafunhos, depois era a hora de jantar, esperávamos pelo pai, conversar um pouco com o pai e dormir. Era, era uma rotina muito... Depois entretanto a minha mãe começou a trabalhar e levava-me. Começou a trabalhar em casa de uma senhora, era domestica, arrumava a casa da senhora, e levava-me. Novamente “mãe posso limpar aqui?”. Sujava mais do que limpava mas era companhia. Depois entretanto na casa da senhora também tinha umas criancitas, lá brincava com as criancitas minimamente... Eu quando era mais nova, talvez ate aos meus 8, 9 anos, gostava mais de estar na companhia dos adultos, muito mais. As crianças para mim... Não sei, não sei o que é que eu sentia em relação a elas, simplesmente gostava mais de estar com os adultos. Na escola a minha única amiga era a professora. E quando a professora se apercebeu disso expulsava-me para o recreio e eu não tinha ninguém para brincar e brincava com a Paula.

E – E na escola tu eras aplicada, gostavas de estudar?

Eunice – Eu gostei da primária, só que... Eu era muito tímida, muito introvertida. Então não falava sequer, não participava, não ia para o quadro, não me oferecia para ir ao quadro, nada. Então quando a professora descobriu isso mandava-me ao quadro. Eu chorava, detestava. E mandava-me ao quadro só fazer contas e eu não sabia fazer contas de dividir, só de somar e a tabuada. Não sabia de subtração nem de divisão e era mesmo aquelas que ela mandava. Então eu pegava num giz e fazia um ponto. “E!” e depois começava a chorar, completamente e depois

ela queixou-se a minha mãe. Oh, época do tau tau... E depois não sabia ler, ou melhor, estava naquela, ainda na fase de aprender a ler, o d+a, o b+a, pronto, e a professora contou a minha mãe. E a minha mãe disse “Ah é, então agora o que é que nos vamos fazer, enquanto eu estiver a cozinha tu ficas nesta mesa atrás de mim a ler. E eu não quero o d+a, eu quero o DA, as contas fazes na cabeça”. “ok... ahhh D + A... “ pimba! levava logo uma bofetadazinha na cabeça, pimba. E pronto, comecei a engrenar, porque também era um bocadinho molenga, tanto na cabecita como no resto, era um bocadinho molenga. Mas gostava, gostava de ir, independentemente disso tudo, eu podia ser uma criança que dissesse que não gostava de ir a escola, porque não tinha amigos, porque não queria fazer as contas, mas não, eu ia, gostava de ir, passei sempre de anos, não tinha dificuldades...

Fábia

E – Gostava que começasses por me dizer o teu nome, a tua idade e que te descrevesse um bocadinho, o que é que gostas de fazer...

Fábia – Sou a Fábia , tenho 23 anos... Gosto de sair a noite, gosto de estar com os meus amigos... Mais... Gosto de ler, gosto de passear, gosto de ir as comprar, coisas normais!

E – Como é que te descreves?

Fábia – Sou uma chata... Chateio bue as pessoas, elas todas não gostam de mim, odeiam-me... estou a gozar... mas sou bue chata sou, sou bue mandona também... tenho mau feitio... mas sou amiga! Sou simpática! As vezes... quando quero... Extrovertida... Maluca... Acho que é isso...

E – Muito bem... E agora, lembras-te de ter um amigo imaginário quando eras mais pequena certo?

Fábia – sim

E – Fala-me um bocadinho sobre ele. Como é que ele se chamava, o que é que vocês faziam...

Fábia – Era uma amiga... Era a Maria Inês, não sei porquê... Ela brincava comigo ás barbies, eu gostava... E aos nenucos também...

E – quando é que ela apareceu lembras-te? Da primeira vez...

Fábia – Não sei mas deve ter sido antes... Não sei se foi aos quatro... Antes dos cinco... Para aí, de certeza...

E – Lembras-te se tinha acontecido alguma coisa de significativo nessa altura?

Fábia – Eu ia ter um irmão... É a diferença de anos do meu irmão por isso deve ter sido nessa altura que supostamente... Eu ia ter o irmão, mas ele só ia nascer depois, então devo ter começado a imaginar, bem eu quero um irmão para brincar comigo então vou ter agora! Se calhar não quero um irmão... Se calhar quero uma irmã! Não sei.

E – tu conseguias vê-la? Ou só a ouvias e assim?

Fábia – Não, ver não, não a via. Mas falavamos, falavamos.

E – E como é que ela era? Tinhas uma ideia física dela?

Fábia – Eu acho que não, acho que não tinha nenhuma ideia física dela...

E – E em termos de personalidade? Ela dizia-te sempre que sim, era teimosa?

Fábia - ... Não, ela brincava muito comigo, não me dizia que não... Ela não dizia que não, gostava muito de brincar as barbies, nos só brincávamos as barbies.

E – E ela estava sempre contigo ou havia alturas em que não?

Fábia – Não ela estava sempre comigo! Ela era bué leal! Era bueda fixe ela!

E – Entao ela não tinha uma vida dela longe de ti?

Fábia – Não

E – ok, e quando é que ela desapareceu lembras-te?

Fábia – Lembro-me. Para ai aos nove anos, ou ao dez... Aos nove, aos nove. No quarto ano.

E – Havia alguém que soubesse que tu tinhas essa amiga imaginária?

Fábia – Não

E – Guardavas só para ti

Fábia – Sim, se não era maluca! Eu já sou louca não é, não me estava a apetecer mais nada!

E – E de que maneira é que achas que ela influenciou a tua vida? O que é que ela te trouxe de coisas positivas e o que é que ela te pode ter trazido de menos positivo?

Fábia - ... Mas na altura ou agora? Olhando para isto agora penso eu era louca, só posso ser louca... Porque eu imaginava estas coisas... Uma amiga minha imaginava gatos, brincava com os gatos imaginários... portanto há vários níveis de loucura... Mas não sei... Acho que na altura era bom, era giro, era uma forma de nos entretermos, eu era a mais velha não tinha mais ninguém! Os meus irmãos são muito chegados um ao outro, tem dois anos de diferença, depois eu era a única! Eles não iam brincar comigo as barbies, porque o meu irmão é rapaz e a outra não gostava, a outra cortava-me o cabelo das barbies, não era exatamente isso que eu queria fazer... A outra sempre foi muito mais maria rapaz e se calhar também por causa do meu irmão... eu não, sou muito mais menina, sempre fui... se calhar foi por causa disso também, como eles não me ligavam nenhuma e eu também não queria que eles me ligassem, foi um bocado companhia... Na altura eu também brincava com a minha prima mas depois a minha prima também se foi embora, se calhar também foi um bocado por ai... Era a minha prima mais velha que brincava comigo...

E – que idade tinhas nessa altura?

Fábia – Uns 6 ou 7 anos...

E – Portanto, na altura em que a Maria Inês apareceu tinhas o teu irmão pequenino e vivias com o teu pai e com a tua mãe?

Fábia – sim, ele tinha acabado de nascer.

E – e vocês passavam muito tempo juntos os quatro?

Fábia – NA altura os meus pais estavam os dois a trabalhar, o meu pai não estava cá muito tempo e a minha mãe também trabalhava até tarde, eu só me lembro de estarmos na escola e depois era só aos fins de semana, porque de resto não... Mas íamos passear, íamos ter com os meus avós, os primos todos... Isso sim, muitas vezes...

E – ok, e na escola tu tinhas muitos amigos ou andavas mais assim...

Fábia – Eu tinha alguns amigos mas depois mudei de escola... Mudei de um colégio para outra escola e aí não tinha muitos amigos... Ai é que está a coisa...

E – foi uma altura complicada? Quando é que isso aconteceu?

Fábia – Foi para aí do terceiro para o quarto... Ai... Odiava aquela escola... Depois mudei e gostei mas gostava mais do colégio... Estas habituada a uns amigos e depois a tua mãe diz “vais sair daqui”... ahh pois não vai dar...

E – Agora para terminar fala-me um bocadinho de ti na altura em que tinhas a Maria Inês, já percebi que gostavas muito de brincar as barbies...

Fábia – eu só brincava às barbies, tenho montes e montes de barbies guardadas e não deixo ninguém dar aquilo porque eu só brincava as barbies. Era mesmo a típica menina que gostava de cor-de-rosa e de vestidos e de brincar as barbies e ao nenucos, não fazia mais nada! Estava o dia todo, se fosse preciso, trancada no quarto a brincar as barbies... Quando estava a chover que no verão íamos montes de vezes não sei para a onde...

E – e tu portavas-te bem, eras uma miúda fácil?

Fábia – era bue fofa... A minha mãe devia ter orgulho em mim agora em vez de me chatear!

E – está tudo, obrigada!

Sofia

E – Gostava que começasses por me dizer o teu nome, idade e que me falasses um bocadinho de ti.

Sofia – Sou F, tenho 23 anos... Falar um bocadinho de mim... em que sentido?

E – o que é que gostas de fazer, como é que te descreves...

Sofia – Ok... então... o que é que eu gosto de fazer? O que eu gosto mais de fazer é estar com os amigos, seja em que contexto for... Ah... Quando estou com os amigos estou mesmo só com os amigos e quando estou com a família estou mesmo só com a família, desligo completamente dos outros mundos. Como é que eu sou... Considero-me uma pessoa super inconveniente, não tenho o dito filtro na garganta e portanto digo tudo o que me vem à cabeça! Sou sincera... Consigo ser um bocadinho sonsa as vezes... (risos) Quando gosto de uma pessoa gosto mesmo muito, quando não gosto, não gosto mesmo de todo, não existe um meio-termo digamos assim... Normalmente sou bastante empática, consigo criar logo uma ligação com as pessoas... E pronto, acho que é mais o menos isso...

E – Muito bem. Lembras-te de ter um amigo imaginário?

Sofia – Lembro-me. Apesar de vagamente, lembro-me de algumas coisas, sim.

E – Fala-me um bocadinho sobre ele.

Sofia – Lembro-me que se chamava Guilherme e lembro-me que tive o meu amigo imaginário quando a minha irmã foi embora para França. Eu vivia com a minha irmã, com a minha mãe e com o meu padrasto e entretanto a minha irmã foi embora viver com o meu pai e foi aí que surgiu o meu amigo imaginário. Ele usava calções azuis-escuros e uma t-shirt vermelha todos os dias... Entretanto lembro-me que ele foi embora, digamos assim, na altura que eu entrei para a primeira classe... Foi quando eu comecei a criar mais amigos e assim, ele foi embora. Foi isso, deixei de brincar com ele nessa altura.

E – Tu conseguias vê-lo ou só conseguias ouvi-lo e tinhas uma sensação?

Sofia – Não, conseguia ver mesmo.

E – Conseguias mesmo ver. E o que é que vocês faziam juntos?

Sofia – Jogávamos, brincávamos às barbies... Falávamos muito, eu falava muito com ele, principalmente quando acabava o dia da creche, eu ia para casa... Lembro-me que era como se

fosse um diário... Qual é que era a outra pergunta? Depois entretanto, nas refeições, apesar de eu saber que a minha mãe não punha um prato na mesa, a mais para ele, ele comia comigo. Pronto, é isto vagamente que eu me lembro.

E – Ok, ele não ia contigo para a escola...

Sofia – Não. Ele ficava sempre em casa.

E – E quando ele não estava contigo ele ficava em tua casa ou tinha a casa dele e a família dele?

Sofia – Boa pergunta... Não me lembro... Sei que ele não dormia comigo mas não me recordo de ele ir embora.

E – E como é que ele era, assim em termos de personalidade?

Sofia – Era simpático! Lembro-me que ele aceitava todos os meus jogos, ele nunca, nunca me dizia não a nada... Lembro-me também que ele concordava comigo com tudo, quando eu tinha discussões na escola, as vezes com os meus amigos eu contava-lhe e ele dava-me sempre razão!

E – Consegues reconhecer nele características tuas ou de alguém à tua volta? Por exemplo da tua irmã que parece ter sido assim a principal razão para ele aparecer.

Sofia – Não sei... Talvez a companhia da minha irmã... Porque a minha irmã nunca me deixava sozinha em momento algum. Até ir embora ela andava comigo na mesma escola e portanto ela nunca me largava... E normalmente defendia-me sempre, quando havia algum problema, mesmo que eu não tivesse razão normalmente a minha irmã defendia-me. E no caso dele, a única coisa que eu posso dizer que fosse realmente parecida é que ele dava-me sempre razão. Eu lembro-me também que com a minha irmã, e ainda hoje, normalmente se eu quiser fazer alguma coisa e lhe perguntar ela diz-me que sim e se me disser que não dá-me uma justificação muito plausível, no caso dele não havia justificação plausível porque ele nunca me dizia que não... É a única coisa que eu noto assim de mais próximo...

E – Ok... Havia alguém que soubesse que tu tinhas este amigo imaginário? Tu falavas sobre ele?

Sofia – Não... Quer dizer não me lembro mas acho que não...

E – O que é que achas que ele te trouxe de bom e de menos bom?

Sofia – É assim... Quando eu digo às pessoas que já tive um amigo imaginário normalmente as pessoas chamam-me maluca e isso não é bom... não é nada positivo... portanto isso pode ter sido uma coisa que ele me trouxe de mau... as pessoas criarem uma imagem de mim de maluca

só porque eu digo que, sim, já tive um amigo imaginário e portanto... quer dizer não sou maluca só por causa disso... De bom, não acho que tenha trazido assim nada de especial... apenas numa das alturas mais difíceis da minha vida que foi quando a minha irmã me abandonou, digamos assim... e que eu me senti realmente sozinha... talvez tenha sido um apoio porque eu na altura não tinha muitos amigos... na escola passava o tempo com a minha irmã, porque ela ia... nos andávamos numa escola e a creche e a primária eram no mesmo recreio, portanto eu estava sempre com a minha irmã... e em casa só tinha a minha irmã... e... talvez quando ela foi embora para eu não me sentir tão sozinha, tenha sido bom ter a companhia dele ainda que imaginariamente...

E – Já me disseste que na altura moravas com a tua mãe e com o teu padrasto... Não tinhas mais irmãos?

Sofia – Tenho mas os meus irmãos são todos muito mais velhos e foram embora para França muito cedo.

E – Ok. Como é que eram as coisas em casa? Eras uma criança fácil, davam-se bem?

Sofia – É assim... Quando a minha irmã ainda vivia connosco eu era muito mimada, por ser a mais nova era mimada pelo meu padrasto, pela minha mãe, pela minha irmã... mas houve uma situação na minha família que me tornou uma criança ainda mais difícil... que foi... o meu pai... é casado com uma das minhas irmãs, ou seja é casado com uma filha do primeiro casamento da minha mãe... e... e isso... fez com que... ou seja para mim era tudo normal, não havia problema nenhum... mas a parte da família mais adulta, a minha mãe, as minhas irmãs mais velhas e o meu irmão mais velho, que assistiram a todo esse acontecimento punham-me muitos macacos na cabeça em relação ao meu pai e a minha irmã barra madrasta... que eles eram maus, que eles tinham feito mal a minha mãe... que o meu pai não gostava de mim... essas coisas... e na altura eu lembro-me que eu era muito difícil principalmente na altura das férias que era quando eu era obrigada a ir passar férias com o meu pai... porque, lá está como eu achava que o meu pai não gostava de mim e que a minha irmã me tinha roubado o meu pai... eu não gostava nada dela e a situação era muito complicada... Em casa, com a minha mãe e o meu padrasto, as coisas eram mais razoáveis, mas com o meu padrasto do que propriamente com a minha mãe, com a minha mãe as coisas sempre foram muito difíceis...

E – Para terminar gostava que me falasses um bocadinho de ti na altura em que tiveste o amigo imaginário... Como é que tu eras na escola, o que é que gostavas de fazer... Um bocadinho a primeira pergunta mas nessa altura...

Sofia – Quando... estava na escola... na creche... na creche não porque ele ainda não tinha bem aparecido mas... na primeira classe, que foi mais o menos a altura em que ele apareceu, lembro-me que era uma miúda bastante tímida... os primeiros quinze dias nem sequer fui a escola porque tinha imenso medo... chorei imenso e então fiquei assim umas duas semanas em casa, sem ir a escola... apesar da minha turma ser a mesma da creche... mas eu sentia que não tinha o meu suporte... a minha irmã tinha ido embora, eu ia para a mesma escola mas para um recreio diferente, onde eu ia acompanhar com outras pessoas, mais velhas, de outras turmas... lembro-me que tive um bocado de medo... ao início não brincava muito, mas depois acho que até me comecei a habituar a brincadeira, depois lembro-me que encontrei meninas que eram da quarta classe, duas gémeas, e elas tratavam me como a filha fingida delas e acabavam por me proteger na escola e portanto até comecei a dar-me mais o menos com o resto...

E - Obrigada

Anexo C

Análise Caso a Caso

A Origem da Discussão – Análise caso a caso

O Amigo Imaginário

As características do amigo imaginário de Cristiana remetem para o irmão com quem deixou de passar tanto tempo mas também para uma noção de distanciamento. Esta noção de distanciamento e frieza, as quais parecem cumprir a função de uma barreira aos afetos, pode mostrar-nos o seu medo de se apegar a este amigo de quem precisa e que ao mesmo tempo tem medo de perder, tal como sente ter perdido o irmão ou mesmo o pai (figuras significativas sentidas como ausentes). A exploração das características de personalidade torna-se também essencial, uma vez que surgem indicadores de que as crianças transferem para os seus amigos imaginários características de pessoas a sua volta.

O facto de Joana descrever o amigo imaginário como “calado” reflete uma condição essencial ao papel que este desempenhava na sua vida, o papel de confidente incondicional, demonstrando que Joana procurava alguém que tivesse um papel contentor na sua vida, em quem pudesse depositar os seus medos e angústias sem causar dano, algo que sentia não poder fazer com a avó por ter medo de a deixar triste, demonstrando também que Joana confiava no amigo imaginário de um modo que não confiava em nenhuma das suas amigas. Tudo isto reflete uma tendência para o isolamento que pode ser resultado de uma insegurança nos vínculos que cria, do medo de se voltar a ligar a alguém que a faça sentir-se segura e de voltar a perder essa pessoa (risco que não corre com o amigo imaginário, depositando por isso nele toda a sua confiança) levando-nos também a questionarmos se estas amizades eram verdadeiras e satisfatórias. Por fim, a referência ao amigo imaginário da mãe e ao facto de esta compreender melhor Joana por se recordar do seu amigo imaginário mostra-nos, por um lado que Joana pode não estar a ser capaz de diferenciar o que aconteceu realmente e o que gostaria que tivesse acontecido uma vez que, segundo o seu relato, a mãe saiu do país na altura da criação do amigo imaginário e este desapareceu quando voltaram a estar juntas e conseqüentemente a procura de identificações em relação à mãe e o forte desejo de se sentir compreendida e apoiada por ela numa situação que sabe não ser comum.

O facto de Raquel associar as características do seu amigo imaginário com as características do namorado ideal apresentam-nos uma vertente do amigo imaginário que não é frequente surgir: o amigo imaginário como objeto de desejo, como ideal do sexo oposto. No entanto, o facto de o ter criado ainda antes dos 3 anos levanta algumas questões, podendo indicar

que não terá sido a sua aparência a ser influenciada pelos gostos de Raquel mas sim o contrário: que o que hoje Raquel procura no namorado ideal tenha por base a sua relação com o amigo imaginário, que a imagem deste amigo possa ter sido alterada mais tarde de modo a se adaptar aos interesses de Raquel. Existe também a possibilidade de no caso de o pai apresentar as características descritas no amigo imaginário, esteja sim em “jogo” a paixão pelo pai, típica do complexo de Édipo, permitindo assim a transferência destes sentimentos para um objeto que provoca menos culpa. Seria relevante explorar, em estudos futuros, a presença de determinadas características nos amigos imaginários que sejam relevantes na pesquisa deste mesmo tema. É de ressaltar ainda que as características que atribuí ao Sérgio são retrato da sua autoimagem, uma pessoa determinada, assertiva, simpática, energética e alegre.

Apesar de ser notória uma grande proximidade entre Eunice e a mãe, uma vez que passavam todo o dia juntas, esta sentiu a necessidade de criar uma amiga imaginária que a compreende-se e passasse pelas mesmas situações com que se deparava no seu dia-a-dia. Tal demonstra-nos que a companhia presencial, física, não era suficiente para Eunice, não impedindo um sentimento de solidão e incompreensão. O passar o dia acompanhada pela mãe e ter por perto um irmão apenas um ano mais velho que ela, reforça a ideia de que a criação de Paula vem colmatar estes sentimentos negativos, ajudando-a a lidar com eles de uma forma adaptativa e não destrutiva. O distanciamento criado mais tarde pelo facto de Paula frequentar uma escola diferente e pela noção de que esta não era como uma irmã, mas sim uma amiga com uma vida muito parecida, permite a Eunice a partilha, a verbalização, das suas experiências e a certeza de que a amiga a iria compreender, tal como ela passaria a ser capaz de fazer.

Algo que se torna evidente logo desde cedo na entrevista de Fábria é o fraco investimento feito nesta amiga, uma vez que poucas são as características que lhe atribui ou as recordações que partilha. Ao afirmar nunca ter partilhado a existência da amiga imaginária para que não pensassem que era maluca, demonstra a conotação negativa que ainda hoje atribui a tal situação, podendo isto explicar o porquê do fraco investimento. Por outro lado, podemos questionar-nos se esta amiga é realmente uma amiga imaginária no sentido que procuramos compreender neste estudo, ou apenas uma companhia de brincadeira, uma vez que não existe carga emocional associada a esta relação (Taylor et al, 1993)

A partir da descrição feita por Sofia é possível compreender que o amigo imaginário tinha uma função anaclítica, de apoio e compreensão, não tendo também sido muito investido para além disso.

É importante ainda referir que, apesar de não estarmos perante uma amostra significativa, a maioria dos amigos imaginários referidos eram do sexo masculino, não ficando

claro um padrão na escolha do sexo do amigo imaginário. Estudos futuros deverão explorar mais detalhadamente que géneros surgem nos amigos imaginários e se existe alguma relação com outros fatores na vida da criança. De ressaltar que apenas no caso de Cristiana o sexo do amigo imaginário coincide com o sexo do outro significativo em falta (o pai e o irmão).

Presença

Os amigos imaginários tendem a surgir a fim de colmatar algo sentido pela criança como um défice (Gleason & Kalpido, 2014). Na entrevista a Cristiana torna-se obvio que este sentimento de “falta” está fortemente associado à ausência do pai, ao distanciamento do irmão e até mesmo ao facto de ter sentido a mãe demasiado ocupada, e por conseguinte ausente emocionalmente.

Também Joana associa o aparecimento do amigo imaginário a um sentimento de perda, conscientemente relacionado com a morte da bisavó mas também, a um nível inconsciente, com a partida da mãe para o estrangeiro (vivida por ela também como uma perda), tal como percebemos ao longo da entrevista.

Em Raquel vemos a presença mais frequente de todos os casos relatados, podemos perceber que existe uma certa dependência em relação ao amigo imaginário, que percebemos mais tarde ainda hoje existir quando Raquel refere que fica assustada quando está sozinha em casa e não consegue imaginar o Sérgio por perto. O Sérgio tornou-se uma constante na vida de Raquel, alguém que a acompanha e que está presente incondicionalmente. Mesmo em criança, e apesar de perceber que era algo que a tornava diferente das outras crianças e que os adultos não compreendiam, sempre abraçou a ideia do amigo imaginário, sem vergonha e sem esconder. Esta presença constante pode ser reflexo de uma incapacidade de abandonar ou integrar o amigo imaginário, pois abandoná-lo seria como perder uma parte de si, correndo o risco de se sentir sozinha, e integra-lo iria criar conflitos internos (Bach, 1971).

Algumas crianças criam vários companheiros de brincadeira com diferentes atributos e características que se adaptam aos papéis que a criança procura que estes desempenhem na sua vida (Taylor et al, 1993; Nagera, 1969; Taylor, 1999; Taylor & Mottweiler, 2008; Majors, 2013). No entanto, a criação de um amigo imaginário que se mantém constante ao longo do tempo reflete necessidades mais profundas, e neste caso a sua inicial restrição a um espaço em que Eunice está sozinha, mostra-nos a sua dificuldade em lidar com a solidão. Ao longo da entrevista conseguimos perceber que Eunice e a mãe tinham uma relação fusional, passando todo o dia juntas, fator que explica a dificuldade em estar sozinha, mesmo em curtos espaços de tempo como as idas à casa de banho. Mais tarde, com a entrada na escola, é possível perceber

que apesar de Eunice passar a recorrer à amiga imaginária fora da casa de banho procura uma certa distância (ao estarem em turmas diferentes) a fim de poder continuar a partilhar o seu dia-a-dia.

O aparecimento de um amigo imaginário pode ser visto como estratégia para colmatar a perda de um outro significativo. No caso de Sofia, a irmã que era a sua fonte de companhia constante e apoio incondicional desapareceu fisicamente da sua vida ao ir para outro país, levando a que o amigo imaginário apenas desaparecesse quando Sofia consegue preencher estas faltas com amizades reais.

Função

A função de auxiliar do superego é uma das principais apontadas nos amigos imaginários e apesar de Cristiana já se encontrar numa idade em que este já estará desenvolvido Nagera (1969) diz-nos que pode acontecer, principalmente se o pai, ausente nesta altura, for a principal figura de referência no que concerne às regras e restrições. Cristiana associa a solidão que sentiu ao distanciamento do irmão mas, ao longo da entrevista, conseguimos perceber que esta foi também provocada pela ausência e indisponibilidade da mãe.

A afirmação de Joana de que a brincadeira com o amigo imaginário apenas acontecia nos dias positivos demonstra desde logo que estes não eram frequentes, o que para uma criança de 8 anos é por si só preocupante, uma vez que torna evidente a tristeza presente na vida da mesma. Esta informação, e outras recolhidas ao longo da entrevista, aliadas ao facto de não haver grande investimento na descrição do amigo imaginário sugere, em relação à Joana, um vazio interior que lhe dificulta o contacto com o imaginário, com o indefinido (só lhe responde a coisas que já sabe, não gostava de desenhar, apenas, como diz, de ligar os pontos). O amigo imaginário parece surgir, neste caso, apenas como uma ferramenta de descarga de angústias.

Com Raquel podemos perceber como os amigos imaginários tendem a evoluir e adaptar-se às necessidades das crianças se estas as mantiverem em diferentes fases do seu desenvolvimento (Ferreira, 2008). Raquel começa por recorrer ao amigo imaginário para brincar, principal ocupação de qualquer criança de três anos, principalmente a coisas que implicam uma companhia que nem sempre têm ou que pode nem sempre querer brincar ao mesmo que ela. Ao crescer e tornar-se mais consciente do mundo à sua volta e das dinâmicas relacionais, passa a procurar o amigo imaginário também como confidente, confiando-lhe os seus maiores segredos e socorrendo-se dele como apoio à mentalização, no sentido em que são as conversas com o amigo imaginário, as verbalizações dos conteúdos e as diferentes perspetivas apresentadas por ele que lhe permitem elaborar esses mesmo conteúdos. As

sucessivas cedências de Raquel para que o amigo imaginário esteja feliz indicam, por sua vez, uma tendência para agradar ao outro mesmo que isso implique deixar-se para segundo plano, algo que nos leva a levantar a hipótese da existência de problemas de autoestima.

O surgimento da Paula na vida de Eunice mostra-nos que nem sempre “presença” é sinónimo de companhia. Eunice passava os seus dias acompanhada, pela mãe e pelo irmão, no entanto sentiu a necessidade de criar uma amiga imaginária que a compreendesse, que a acompanhasse nos acontecimentos do seu dia-a-dia, que a completasse como a própria chega a afirmar.

É possível perceber a necessidade de companhia que as crianças têm, Fábica apesar de ter dois irmãos sentia-se posta de parte por ambos, acabando por recorrer à amiga imaginária para colmatar a falta de relação com estes.

Para Sofia mais uma vez, o amigo imaginário cumpre uma função de apoio emocional, de confidente, ouvinte.

Influência no Sujeito

Foi possível perceber que a influência que o amigo imaginário acaba por ter na personalidade e na vida do sujeito depende bastante do quanto este é investido, da fase de desenvolvimento em que surge, do tempo que permanece na vida do sujeito e do papel que ocupa.

Após o afastamento do irmão e do pai, e mesmo da indisponibilidade da mãe, é notório que Cristiana sentiu uma necessidade de se proteger tornando-se menos dependente das pessoas à sua volta, utilizando o amigo imaginário como apoio uma vez que ainda não tem a força interna necessária para o conseguir.

Joana mostra-nos como a experiência de ter um amigo imaginário pode influenciar o sujeito. Neste caso, Joana atribui ao amigo imaginário a sua atual capacidade de pensar sobre os seus sentimentos e falar sobre eles com outras pessoas, sendo notório que passou a procurar nas pessoas à sua volta (mesmo que inconscientemente) características que lhe lembrassem o amigo imaginário, tomando estas como indicadores da “qualidade” do outro enquanto amigo. Tal torna-se evidente quando nos fala da melhor amiga, com quem percebemos que em causa está a identificação projetiva, uma vez que apesar de se conhecerem há pouco tempo, como a própria afirma, reconhece nela muitas das características do amigo imaginário.

Em Raquel podemos ver surgir uma certa dependência em relação ao amigo imaginário, tanto ao nível de companhia, algo que leva a que tenha dificuldades em ver-se sozinha e desacompanhada, como ao nível das relações, não considerando nenhuma relação

suficientemente boa em comparação com a que tem com o amigo imaginário. Por outro lado, conseguimos perceber que o amigo imaginário tem tanta influência em Raquel que acaba por ser a única pessoa a conseguir chamá-la à razão, algo que se mostra preocupante quando é a própria a admitir que começa a ter algumas dificuldades em o “formalizar” no seu pensamento - resultado provavelmente da racionalização que começa a fazer desta relação que compreende não ser comum em jovens adultas da sua idade. Esta necessidade de conversar sobre os assuntos com o amigo imaginário para ganhar força pode ser também indicativa de uma necessidade de exteriorizar as informações e os sentimentos para os poder elaborar.

Com base nas informações partilhadas por Eunice podemos perceber a importância das divergências entre as crianças e os amigos imaginários que criam. Apesar de Eunice se ter sentido compreendida e apoiada pela amiga imaginária, e assim esta cumprir o seu papel enquanto defesa perante uma falha percebida pela criança, a extrema semelhança entre ambas acaba por não desafiar Eunice, ficando a sua marca na vida da criança reduzida ao companheirismo.

Com o relato de Fábria torna-se evidente a influência que os outros podem ter até no modo como pensamos as nossas experiências, pois apesar de reconhecer que na altura a convivência com a amiga imaginária foi algo de positivo para si, uma experiência satisfatória, hoje considera que é algo fora do normal e atribui-lhe uma conotação negativa, vendo-a como algo que a torna diferente de uma maneira quase discriminatória.

Os relatos de Sofia permitem-nos perceber que esta olha para o seu amigo imaginário como algo de positivo na sua vida, não se deixando afetar pela conotação negativa que terceiros possam colocar na existência de um amigo fantasiado. Tal distinção pode estar relacionada com o este impacto que o sujeito sente que o amigo imaginário teve na sua vida, uma vez que para Sofia a presença do amigo imaginário num momento de crise, como a perda da irmã, foi quase como uma boia salva-vidas, a condição essencial para que conseguisse enfrentar e ultrapassar o sentimento de abandono e desamparo.

Desenvolvimento do Eu

Com base nas narrativas de Cristiana várias factos ficam em evidência, sendo um dos mais evidentes a significância que teve a primeira ausência do pai e tudo o que se passou nessa fase do seu crescimento. Torna-se claro ao longo da entrevista o quanto Cristiana contava com a presença de outros na sua vida, a dificuldade que tinha em se perceber sozinha, sendo a

própria a afirmar que estava sempre rodeada de pessoas e de animais. A referência que faz aos animais, nomeadamente aos cães, levantou desde logo algumas questões. Por um lado parece não fazer uma distinção entre a companhia destes e das pessoas, demonstrando que as relações humanas que estabelecia careciam de comunicação e profundidade, por outro lado quando refere a perda dos cães (que afirma ter sido na mesma altura em que o pai estava ausente e o irmão se afastou) é notória alguma confusão temporal. Esta confusão, por estar ligada a conteúdos com uma elevada carga emotiva, pode ser resultado do desconforto causado por estas memórias ou indicadora de que estes acontecimentos não ocorreram realmente na mesma altura mas são por ela percecionados como tendo ocorrido no mesmo espaço temporal, uma vez estarem associados a sentimentos semelhantes (“... dependia muito das pessoas... Eu tive um cão... Foi na mesma altura, morreu na mesma altura, tinha dois cães que morreram na mesma altura (...) Ou tinha a minha mãe, ou o meu irmão...”). Foi também possível perceber que desde nova Cristiana procurou diversificar os seus interesses, empenhando-se a fundo no que fazia (tinha as melhores notas, praticava desporto de competição, etc.) possível reflexo da sua vontade de agradar ao outro, de ser suficientemente boa para que não se fossem embora e a deixassem, para que não se esquecessem dela. Apesar de Cristiana nunca verbalizar tais sentimentos podemos perceber ao longo da entrevista que há uma proteção das figuras significativas a fim de evitar a sua desidealização, uma vez que Cristiana racionaliza e desculpa (por exemplo, a indisponibilidade da mãe dizendo que era natural com todo o trabalho que tinha e a fraca relação que tem hoje com o irmão dizendo que sempre se deram bem). Ao crescer conseguimos perceber que Cristiana desenvolveu ainda outros mecanismos para se defender, virando-se mais para fora, para o outro, para a exploração do mundo através das viagens (algo que fomenta a sua necessidade de independência) e ainda o facto de afirmar que se tornou uma pessoa emocionalmente forte, algo que, através da sua linguagem não-verbal e da fuga ao aprofundamento de certos temas conseguimos perceber que não é inteiramente verdade.

Os amigos são um tema recorrente na entrevista de Joana, sendo notório que estes têm um grande peso na sua vida e que esta investe bastante a nível emocional nas relações que cria. No entanto, ao aprofundarmos estas relações torna-se perceptível que Joana parece procurar compensar com estas relações, com a intensidade dos laços que cria com os amigos, algo que sente que lhe falhou na infância pois apesar de se empenhar nestas relações afirma que lhe é muito fácil afastar-se das pessoas se sentir que estas erram com ela, algo que é contraditório. Tomando atenção ao seu discurso é possível perceber que não gosta de mostrar as suas fragilidades nem mesmo aos amigos, afirma guardar muito as coisas para si e entrar em “modo

atriz”, “se apetece-me chorar, não choro ao pé de ninguém (...) podem estar ali a insistir para eu falar, eu não quero, só falo quando quero” e mesmo quando finalmente se permite “ir a baixo”, se alguém a procura consegue desligar e agir como se nada se passasse. Tal comportamento mostra-nos que os amigos não chegam a conhecê-la verdadeiramente, conhecendo apenas o seu lado forte e divertido, o lado que deseja que fosse o real. Sendo verdade que Joana parece nunca ter utilizado o facto de ter crescido sem pai, e mais tarde longe da mãe, para se vitimizar, é também verdade que nunca se esqueceu, criando uma distância entre si e tais factos que lhe permitisse não entrar em contacto com as suas fragilidades, acabando assim por construir um falso self, apresentando-se como forte e chegando mesmo a ficar incomodada quando as pessoas à sua volta, mostrando-se frágeis a confrontavam com essa parte de si que é, ainda hoje, incapaz de tolerar. No entanto, tais fragilidades acabavam por se mostrar nos seus desenhos reduzidos a cores escuras e nas suas brincadeiras. Conta que cortava o cabelo às Barbies e as punha de lado por estarem estragadas (podendo este comportamento ser uma descarga agressiva em relação ao pai que apenas lhe dava bonecas, ou mesmo em relação a si por se sentir estragada, não se sentir bonita o suficiente para que o pai, e mais tarde a mãe, ficassem perto dela), bem como se recusava a fazer de mãe porque se sentia incapaz de desempenhar tal papel (mostrando assim um sentimento de inadequação e desconhecimento em relação aos papéis parentais que pode advir da falta de contacto com a mãe e consequente falha na identificação). Hoje, vários continuam a ser os indicadores da existência de fragilidades. A escolha do fado como estilo de música de eleição mostra-nos uma identificação com os temas da saudade, da perda e da dor. A dança, associada ao facto de referir que não consegue estar muito tempo parada mostra-nos uma inquietude típica de sujeitos que não elaboram os conteúdos emocionais, servindo os movimentos como fuga ao pensamento e sendo esta também a razão que a leva a procurar estar sempre rodeada de pessoas. Joana mostra-nos ainda que, apesar de se tentar convencer do contrario, ainda hoje tenta provar a si própria e à família que é capaz, que é boa nas coisas que faz, algo que a leva a exigir muito de si própria, e consequentemente a ter dificuldades em lidar com a perspetiva do erro, da falha, preferindo não fazer de todas as coisas - mesmo que goste - do que sentir a expectativa do outro e a possibilidade de o desiludir. Quando fala das relações amorosas mostra-nos mais uma vez o seu medo de se ligar emocionalmente a alguém. Afirma que não gosta de se sentir presa e controlada espelhando o medo que tem de se expor ao outro, de ter de entrar em contacto com as suas fragilidades e deixar que um outro as perceba, de investir emocionalmente em alguém que pode acabar por ir embora, como fizeram com ela no passado.

Em Raquel é evidente uma tentativa constante de ser mais e melhor, notória quando refere que desde cedo começou a pedir e a fazer as coisas, procurando a sua autonomia, que os seus gostos eram bastante diferentes e mais complexos do que os das outras crianças, que era muito boa na escola apesar de não se esforçar assim tanto, na competição que fazia com o amigo imaginário para ver quem era melhor ou nas diversas atividades que teve ao longo dos anos. Ao longo da entrevista vai sendo possível perceber que esta necessidade de ser mais e melhor tem origem nas exigências e expectativas do pai, aos olhos de quem nunca se sentiu suficientemente boa. Em relação aos pares, apesar de sempre ter tido gostos diferentes dos comuns não se isolava dos colegas, criando várias amizades em todos os seus círculos. Esta procura de novas amizades pode por um lado estar ligada com a procura de valorização, referida acima, mas também com um medo do isolamento que se vai tornando evidente ao longo da narrativa e principalmente na relação com o amigo imaginário, a quem tenta agradar de todos os modos (chegando mesmo a colocar-se em segundo lugar em escolhas que faz). Tudo isto demonstra, tal como a própria afirma, que não se trata de uma pessoa confiante, apesar de saber que é boa nas coisas que faz continua a ter medo de não ser boa o suficiente para manter as pessoas interessadas e perto dela, circunstância que pode, em parte, explicar o facto de ainda hoje manter o amigo imaginário por perto e ficar assustada quando não o consegue fazer.

Em Eunice surgem questões ligadas à autoestima e à confiança, evidentes principalmente na relação com os pares e em situações em que se sentia mais exposta como quando era chamada a participar nas aulas. O facto de gostar mais da companhia dos adultos advém do facto de os pares a obrigarem a confrontar-se com ela própria, por serem semelhantes funcionam como um espelho que, ao contrário da amiga imaginária, não lhe mostra apenas o que deseja ver.

Fábia pouco se recorda da sua infância, ficando inicialmente em aberto se terá poucas memórias dessa altura. No entanto, ao longo da entrevista e atentando não só no conteúdo verbal mas também na linguagem não-verbal é possível constatar uma certa agitação, quase pressa em certos assuntos que levam a pensar que toda a energia e extroversão funcionam como mecanismo de compensação, evitando a partilha de conteúdos de cariz emocional e um consequente contacto mais profundo consigo própria.

Sofia era uma criança bastante ligada à irmã e protegida em casa, algo que levou a que fosse confrontada com alguns problemas de autonomia quando foi obrigada a ir à escola e ao contacto com novas pessoas sem estes apoios. O facto de afirmar ser uma pessoa sem filtro pode indicar, em certo nível, dificuldades ao nível da mentalização.

